



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE ARTES – IdA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS - CEN

Veluma Lara Santos

ÚTERO DE CALIANDRA
De Discente a Docente, Um Ensaio Memorial Para Performance

BRASÍLIA – DF

2019

VELUMA LARA SANTOS

ÚTERO DE CALIANDRA

De Discente a Docente, Um Ensaio Memorial Para Performance

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas
– Licenciatura em Artes Cênicas – apresentado ao
Departamento de Artes Cênicas do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Soraia Maria Silva.

BRASÍLIA – DF

2019

VELUMA LARA SANTOS

**ÚTERO DE CALIANDRA
DE DISCENTE A DOCENTE, UM ENSAIO MEMORIAL PARA
PERFORMANCE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de grau de Licenciatura em Artes Cênicas no curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Monografia apresentada em Brasília, 03 de julho de 2019.

Professora Doutora Soraia Maria Silva – CEN-IdA-UnB

Orientadora

Professora Doutora Ângela Barcellos Café – CEN-IdA-UnB

Examinadora

Professora Doutora Flávia Bascuñan Timm – PSICOLOGIA-UNIEURO

Examinadora

Dedico a presente dissertação à minha avó materna Alice Ferreira, in memoriam. Sua vida ressoa em mim e me fortalece para caminhar.

A todas as “Alices” silenciadas e esquecidas, que nossas netas sejam fortes para ecoar nossas vozes e seguir a luta.

Agradeço aos queridos professores que me inspiraram para o serviço da docência durante minha jornada discente. Do Ensino Infantil as professoras Márcia e Adriana. Do Ensino Fundamental 1 Silvana de Educação Física e Ana Pimenta de Artes. Do Ensino Fundamental 2 Daniele de Matemática, Juliana de Inglês e Reinaldo de História. Do Ensino Médio professores Aline de Geografia, Rosa de Gramática, Helle de História, Fabrício de Literatura e Alex de Química. Do curso superior os professores Ângela Barcellos Café, Luciana Hartmann, Graça Veloso e minha querida orientadora Soraia Maria Silva.

Gratidão aos colegas de turma e funcionários das instituições por onde passei, obrigada pelas trocas e generosidade. Aos familiares e amigos, obrigada pelo incentivo.

Agradeço à querida colega do curso de Artes Cênicas Priscilla Poyares, por traduzir o abstract.

Obrigada à psicóloga jurídica doutora Flávia Timm pelas orientações, às psicólogas Marina Thuane e Yasmin de Souza Oliveira pelo acompanhamento contínuo.

*Por último e mais importante, minha mais profunda gratidão à minha mãe, que me alfabetizou, amou, alimentou, abraçou, cuidou... E acreditou em mim como ninguém. Mamacita, sem a senhora seria impossível ter chegado até aqui. Meu anjo da guarda, não solta a minha mão nunca, eu preciso de você para atravessar a rua!
Te amo.*

“Quanto pior sua infância, melhor sua arte.”
(ABRAMOVIC, 2012, site Revista Marie Claire)

RESUMO

“Útero de Caliandra – De Discente a Docente, Um Ensaio Memorial Para Performance” é uma pesquisa de análise memorial aplicada em projeto pedagógico de plano de curso com recortes performativos. Refletindo sobre o silenciamento imposto às mulheres vítimas de violência sob coação social de escrutínio público, revitimização e perseguição coletiva, ao propor que narrativas de meninas e mulheres ajam como potência criadora para arte de protesto, através de uma *performance do incômodo*. Com objetivo de romper o silêncio e gerar reflexão sobre a reminiscência do pátrio poder, almejando uma vida sem medo. A metodologia se deu através do registro da narrativa de violências sofridas pela autora, juntamente com a exposição de dados sobre violências contra mulheres no Brasil para comprovar existência de histórias semelhantes, e transcrição de trabalhos feitos com o viés apresentado. O trabalho propõe como resultado docente um plano de curso que visa futura aplicação de um projeto desenvolvido para educação básica.

Palavras-chaves: Mulher; Violência; Silêncio; Narrativa; Performance.

ABSTRACT

“Caliandra’s Uterus - From Student to Teacher, A Memorial for Performance” is a research of memorial analysis applied in pedagogical project of course plan with performative cuts. Reflecting on the silencing imposed on women victims of violence under social coercion of public scrutiny, revictimization and collective persecution, when proposing that narratives of girls and women act as creative power for protest art, through a *performance of annoyance*. Aiming to break the silence and proposes reflection on the reminiscence of the country's power and for a life without fear. The methodology was based on the record of the narrative of violence suffered by the author, together with the exposure of data and based on violence against women in Brazil to prove similar stories, and transcript of works done with the subject presented. The work proposes as result a course plan that aims at the future application of a project developed for basic education.

Keywords: Woman; Narrative; Violence; Performance; Silence.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Manifestante na Avenida Paulista (SP). Ato Por Todas Elas, em repúdio à cultura do estupro e à violência contra a mulher (junho/2016). Foto: Paulo Plinio/AGPT. Site Justificando.....	34
Figura 2. Mexidinho Performático. Arquivo pessoal. 1/2016.....	36
Figura 3. Performance Nzinga. Arquivo pessoal. Foto: Zé Reis. 2016.....	45
Figura 4. Cronômetro da violência contra as mulheres no Brasil.	45
Figura 5. Performance Nzinga. Arquivo pessoal. Foto: Zé Reis. 2016.....	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	QUE COMECE O PERCURSO! NARRATIVAS DE UM MEMORIAL	13
3	VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES NO BRASIL, SOCIALIZAÇÃO FEMININA E SEXISMO	29
	3.1 Violência Sexual	30
	3.2 Violência Doméstica e Femicídio.....	31
	3.3 O que a população pensa sobre a violência?.....	31
4	O PRINCÍPIO	35
5	VIA CRUCIS DO ÚTERO: PERFORMANCE DO INCÔMODO	39
	5.1 Entre flores, as lágrimas.....	39
	5.2 Poética política do útero.....	41
	5.3 Caminho à Nzinga.....	44
6	PROJETO ESCOLA – ÚTERO DE CALIANDRA	48
	6.1 Apresentação.....	48
	6.2 Objetivo Geral.....	49
	6.3 Objetivos Específicos.....	49
	6.4 Competências e habilidades a serem desenvolvidas	49
	6.5 Justificativa	50
	6.6 Metodologia	51
	6.7 Avaliação:	51
	6.8 Observação para a equipe escolar	51
7	CONCLUSÃO	52
8	BIBLIOGRAFIA	54
9	ANEXO	56
	9.1 Sequência Didática – Plano de Aula 01	56
	9.2 Sequência Didática – Plano de Aula 02.....	57
	9.3 Sequência Didática – Plano de Aula 03.....	60
	9.4 Sequência Didática – Plano de Aula 04.....	63
	9.5 Sequência Didática – Plano de Aula 05.....	65
	9.6 Sequência Didática – Plano de Aula 06.....	67
	9.7 Sequência Didática – Plano de Aula 07.....	68
	9.8 Sequência Didática – Plano de Aula 08.....	70

9.9 Sequência Didática – Plano de Aula 09	71
9.10 Sequência Didática – Plano de Aula 10	72
9.11 Sequência Didática – Plano de Aula 11	73
9.12 Sequência Didática – Plano de Aula 12	74
9.13 Sequência Didática – Plano de Aula 13	76
9.14 Sequência Didática – Plano de Aula 14	77
9.15 Sequência Didática – Plano de Aula 15	78

1 INTRODUÇÃO

O ponto alto da minha infância era me encontrar com meus primos, às vezes íamos à fazenda da tia Cida... Na estrada a gente cantava e brincava muito, mas o caminho era longo e como toda criança a gente cansava. Nos minutos que se mantinham entre a bagunça e o sono eu encostava a cabeça na janela da Kombi para olhar a paisagem. Olhar o horizonte durante viagens sempre me foi fascinante, de vez em quando surgiam pontos em vermelho vivo, naquela imensidão de cerrado sem fim, que me deixavam encantada! Tempos depois descobri que aquela flor do cerrado se chama Caliandra. Caliandra! Para mim, nome da resistência. Como poderia uma flor de aparência tão frágil romper terra seca, cheia de pedras e espinhos, se fechar à noite para proteger suas pétalas como estratégia de sobrevivência?! Mal sabia eu que Caliandra seria um símbolo a me acompanhar por toda minha vida.

“Útero de Caliandra – De Discente a Docente, Um Ensaio Memorial Para Performance” surge exatamente como o título sugere. Um ensaio narrativo, baseado em memórias pessoais e dados sobre violência contra mulheres no Brasil, sobre percalços de uma sobrevivente que propõe um fazer artístico rumo à emancipação da fêmea humana, numa luta antissexista através do teatro.

O caminho da escrita é iniciado em um memorial pessoal, segue para dados sobre violências contra mulheres, retoma memórias para descrever algumas performances realizadas pela autora, que da sua prática propõe o conceito de “*performance do incômodo*” e gera reflexões sobre a contribuição da performance como prática da liberdade, para crianças da primeira infância à melhor idade.

O objetivo é gerar reflexão através do fazer teatral sobre a condição material de mulheres desde sua concepção e os malefícios impostos através da socialização feminina.

2 QUE COMECE O PERCURSO! NARRATIVAS DE UM MEMORIAL

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro, a fim de mantê-lo cativo em casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto às galinhas. Cresceu como uma galinha.

Depois de cinco anos, esse homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista: “Esse pássaro aí não é uma galinha. É uma águia.”

“De fato”, disse o homem. “É uma águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais águia. É uma galinha como as outras.”

“Não”, retrucou o naturalista. “Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas.”

“Não”, insistiu o camponês. “Ela virou galinha e jamais voará como águia.”

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e, desafiando-a, disse: “Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!”

A águia ficou sentada sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou. “Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!”

“Não”, tornou a insistir o naturalista. “Ela é uma águia. E uma águia sempre será uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.”

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe: “Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!”

Mas, quando a águia viu lá embaixo as galinhas ciscando o chão, pulou e foi parar junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga: “Eu havia lhe dito, ela virou galinha!”

“Não”, respondeu firmemente o naturalista. “Ela é águia e possui sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.”

No dia seguinte, o naturalista e o camponês se levantaram bem cedo. Pegaram a água, levaram-na para o alto de uma montanha. O sol estava nascendo e dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe: “Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!”

A águia olhou ao redor. Tremia, como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então, o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, de sorte que seus olhos pudessem se encher de claridade e ganhar as dimensões do vasto horizonte.

Foi quando ela abriu suas potentes asas. Ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto e a voar cada vez mais para o alto. Voou. E nunca mais retornou. (AGGREY, início século XX)

Hoje é dia 06 de junho de 2019, ontem ao ouvir a história da Águia e da Galinha na aula de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas 1, pela professora Ângela Café, eu vi o sol. Meus olhos arderam! Soube, então, que precisaria redirecionar meus passos.

Há algum tempo venho perdido sono sobre a dissertação presente. São tantos temas! Tantas características de um mesmo tema. Tantas estéticas, tantos gêneros, tantas possibilidades (!!!) ... Meu trabalho estava quase completo, cheio de quarenta e cinco páginas vazias de sentido, para mim. Do que adiantaria um trabalho cheio de referências se não me satisfaz? Eu respondo: nada. Não vale nada. Não para mim! Ainda que com menção positiva.

Passei a lembrar das leituras que mais gostei, a série literária O Diário da Princesa de Meg Cabot durante minha pré-adolescência, O Caçador de Pipas de Khaled Hosseini em um tempo de tristeza, e Travessuras da Menina Má de Mario Vargas Llosa durante o período mais assustador da minha vida. Todas essas leituras narradas em primeira pessoa, com a sensação de ter as personagens aqui, falando comigo. Resisti ao formato até não conseguir mais, pensava que poderia ser lido como presunção. Ou como desleixo. Mas não, eu realmente acho que não precisa ser de um modo tradicional. Senti necessidade de escrever sobre performance, sobre o ofício do contador de histórias, sobre a teatralidade dos rituais indígenas, citar referências renomadas, falar sobre a história da mulher no teatro, então não, eu não poderia me permitir ser “tão superficial”. Até que me peguei brigando Bell Hooks enquanto lia Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática da Liberdade; querendo chamar Andrea Dworkin para tomar uma cerveja e ouvi-la falar de tudo quanto pudesse, ela tinha o poder de traduzir minha alma. Então... Por que eu teria que assumir o lugar da academia enquanto essas duas mulheres incríveis falam por si com tanta maestria? Enquanto Marina Abramovic traduz em suas performances as ausências de infância; enquanto Pina Bausch cria e ensina a criar através de memoriais pessoais; enquanto as professoras, mestras e doutoras que mais me marcaram foram as que me olharam nos olhos e conversaram comigo?! Como fazer diferente? Como? Eu não sei. Não consigo. Talvez em outro tempo, mas não aqui-agora que preciso falar sobre a importância das narrativas femininas. Isto posto, qual seria a ligação com teatro e arte educação nesse trabalho? Eu. Eu sou a ligação.

Foi durante o banho há algumas horas que percebi que eu sou o meu objeto de pesquisa, a minha resistência, a minha sobrevivência. E por mais óbvio que seja, sem mim, sem a minha força de vontade para estar aqui eu não teria conseguido. Entrei na UnB no primeiro semestre de 2009, apresento minha monografia no primeiro semestre de 2019. Foram dez longos anos, com propriedades de cem. Do desconhecimento total de uma menina triste e inexperiente ao amadurecimento de uma mulher cheia de calos e cicatrizes. Demorei anos para conseguir entender o que era um diário de bordo, para entender sobre a produção acadêmica, para perceber que eu não preciso andar olhando para baixo, que se eu consumir bebidas alcóolicas eu não vou

para o inferno, que eu não preciso ter medo do meu corpo. Entrei como uma lagarta pesada, sem ideia do tamanho, sem saber me movimentar, com sede de tudo que pudesse aprender, mas completamente perdida, cheia de medos e inseguranças. Hoje, depois de uma metamorfose de dez anos, rompo o casulo como um inseto consciente de si.

Durante esses dez anos revisitei meu passado que por tanto se fez presente. Então percebo a importância de registros pessoais sobre narrativas femininas. Há milênios vivemos a história pela ótica falocêntrica. Registrar a história sob nossa ótica é sobretudo um fazer político. E o que seria o teatro senão um fazer político? Foi através dos círculos sociais formados a partir do curso de Artes Cênicas que pude vivenciar minhas convicções. Agora vislumbro iniciar um trajeto de trabalhos e publicações acadêmicos sobre violências inerentes ao sexismo, inspirada em como o teatro e a educação me firmaram por tantas vezes durante o processo.

Escrevo como artista, mulher, educadora, vítima de um sistema que se preocupa mais com as políticas públicas que giram em torno do algoz do que com a nossa sobrevivência, que institucionalmente nos revitimiza desde o ato de realizar a denúncia, que não nos oferece amparo psicológico, que em casos de violência doméstica não oferece proteção efetiva à mulher, que difunde a romantização¹ e fetichiza a violência, que não combate o feminicídio. Enquanto seguimos silenciosas de tanto silenciadas. Porque veladamente é o que se espera da vítima, o silêncio.

Para que a denúncia seja socialmente aceita são necessários hematomas adquiridos numa intensa luta corporal, um roteiro de cinema como relato da denúncia. Mas a realidade não dialoga com as cenas de novelas, filmes, seriados e peças de teatro, que difundem a milenar cultura de violências contra as mulheres, especificamente a cultura do estupro. Existe perda de memória, existe negação, existe uma cultura “pornificada” que nos ensina que uma relação sexual natural inclui violências e falta de prazer, muitas de nós demoram dias, semanas, meses, anos para se darem conta que são vítimas de relacionamentos abusivos, outras nunca vão perceber. Quantas vezes vi meu avô ser violento com minha avó e ela se retirar para chorar escondida, em silêncio?! Todas nós temos histórias assim. Se você é mulher e nunca foi violentada com certeza conhece alguma mulher que o foi. Para os justiceiros modernos a história está sempre mal contada. Contraditoriamente, enquanto ativistas possuem o discurso de nunca duvidar da mulher justificam a revitimização que impõe, engrossando o coro do

¹ A romantização referida significa comunicar uma narrativa violenta com aspecto de romance. Por exemplo, o ditado popular “tapa de amor não dói”.

patriarcado, com a justificativa de “não acreditar dessa vez, mas só dessa vez, porque esse tipo de mulher interesseira suja o movimento e anos de luta”. Conforme Orestes:

Sim, fala-se mais sobre a punição do estupro do que sobre a necessidade de a vítima ter uma rede de apoio. Seja para defender a ressocialização dele, criticando o sistema penal (e eu acho totalmente necessária a discussão sobre o sistema penal sim), seja para defender “prisão perpétua” ou “pena de morte” desses criminosos. O tema se desenrola centrado nessas questões: punir ao extremo ou tratar o criminoso como um sujeito de direitos, alguém que precisa ser “tratado e ressocializado”. Não estou dizendo que essa discussão não é importante. Mas onde estão as pessoas que se preocupam com a vida social das vítimas? O fato é que o debate e as políticas públicas giram em torno do criminoso. O foco é o estupro, de um jeito ou de outro. Enquanto isso, as vítimas, que são vítimas não só por terem sido estupradas, mas por não terem nenhuma atenção da sociedade, seguem falando com as paredes e adoecendo um pouquinho mais a cada dia. Quando a vítima sai dessa condição de silêncio e narra sua experiência publicamente, seu entorno diz a ela para procurar terapia. Não desmereço a importância, mas eu sei que a indicação de terapia à sobrevivente comunicativa não é porque estejam de fato preocupadas com ela: é porque estão incomodadas com o discurso público dela e querem que ela volte ao privado para acabar com o incômodo. É egoísmo, individualismo e falta de empatia. É alienação também, porque todas as mulheres precisam que essas conversas aconteçam, porque todas podem passar pela situação de isolamento que as vítimas passam. Falar de estupro é só dentro de consultório, no espaço de uma análise? Problemas estruturais não são resolvidos em terapias. Precisamos criar espaços onde as vítimas possam sair da condição de vítimas, da condição do silêncio, e proporcionar a elas a possibilidade de se tornarem sujeitos da própria fala. Mas só existe mensagem quando existem receptores. Se ninguém receber bem o discurso das sobreviventes, a mensagem estará presa em seus corpos. E os beneficiados serão os estupradores. (2019, Instagram/@brasilcontrasap)

Natacha Orestes é ativista, nasceu em Jundiaí-SP, uma das principais vozes contra a cultura do estupro e compartilha seus trabalhos em plataformas virtuais. Sofreu violência sexual, denunciou, virou ré por denúncia caluniosa, o processo se estendeu por alguns anos na justiça, preparou sua própria defesa e foi inocentada de um crime que nunca cometeu. Seu ativismo começou nove anos após sofrer a violência, porque assim como muitas mulheres, não possuía ferramentas de linguagem para analisar o que havia acontecido como violência, aprendeu que sofrer fazia parte da vida, já que também foi violada quando criança, assim como muitas meninas e mulheres não possuiu educação sexual para aprender sobre consentimento, e capacidade de reconhecer um estupro. Ao decidir narrar sua história foi chamada de louca, motivação para criar o Projeto Histeria, com intenção de dialogar, criar laços sobre a humanidade contida na necessidade de conexão, para romper com o estigma de que sobreviventes de estupro compartilham suas vivências por autopromoção, um estigma que reforça o silenciamento. Essa mulher é de uma grandeza inexplicável! Mesmo morando em outro estado, Natacha foi o meu respiro quando aconteceu comigo, quando o meu corpo foi invadido. Ela me ajuda a tornar-me sujeito de mim, a ter propriedade sobre minhas narrativas,

a não deixar o medo me paralisar. É o que nós precisamos, todas nós, precisamos romper o silêncio, precisamos ser ouvidas, precisamos umas das outras.

Em princípio, acredito ter sofrido violência institucional. Durante o linchamento público fui perseguida, ameaçada de morte, ridicularizada em espaços onde precisei estar presente, não mostrei meu rosto e acabei sendo acusada de racismo. Em contrapartida houve uma vigília ao meu favor feita pelo Fórum de Mulheres DF e Entorno em frente à delegacia onde a denúncia foi feita. E a Frente de Mulheres Negras do DF e Entorno publicou uma nota apoiando a mulher preta que sou. Foram dois respiros.

Aos poucos fui percebendo que falar liberta, não apenas a denúncia na delegacia, mas falar... Aquilo estava engasgado em mim. Reverberava em todos os meus poros. Eu não tinha outro assunto. Então comecei a narrar e passei a conseguir narrar violências anteriores também. Paulatinamente as amarras, as culpas, as sujeiras foram caindo, se desprendendo de mim, nada daquilo era meu, não foi minha culpa e mais do que repetir, eu passei a sentir. Algumas pessoas tentaram usar minha narrativa contra mim, mas a transformação que acontecia aqui dentro dessa pessoa que escreve era um movimento constante, como as águas correntes de um rio que contornam os obstáculos e seguem seu curso. Foi incrível ver algumas feições de julgamento mudando quanto o caso era assunto e eu dizer que foi comigo, não conheciam o meu rosto, não sabiam que era eu. Outro acontecimento positivo foi perceber que dentre as centenas de mensagens que recebi, algumas relatavam que a minha denúncia foi fator de encorajamento para a realização de outras denúncias. Além das mensagens de solidariedade que foram importantes.

Não estou dizendo que o sistema está pronto para acolher e amparar mulheres vítimas de violências, independentemente de quais violências sejam. Eu não acredito nisso. E baseada nas estatísticas que apresentarei adiante afirmo que não está. Não direi que vai ser fácil se decidirem denunciar porque não será. Não vou dizer que não transformarão a vítima em ré, porque provavelmente transformarão. A revitimização coletiva é real. A narrativa hegemônica gerada pelo interesse masculino em transformar a vítima em falsa acusadora é uma estratégia de defesa em massa dos estupradores, como se a epidemia fosse a “falsa acusação” ao invés dos estupros aos quais somos submetidas. É aqui que mora o silenciamento. E a quem interessa calar mulheres? Quando uma sobrevivente comunicativa rompe o silêncio é destinada à expiação pública a fim de servir de lição às outras vítimas para que rejeitem a opção de denunciar. As denunciantes são isoladas, reclusas, confinadas em uma prisão física e mental,

pessoalmente não sei dizer o que é pior para a sobrevivente, o calar ou o denunciar. E isso prejudica sim a todas as mulheres! Não estou falando o contrário. Eu confiei na justiça. Quantas mulheres também confiaram na justiça e nas campanhas que incentivam as denúncias?! Quantas mulheres não foram ainda mais agredidas nas mãos do próprio estado? Nada vai mudar do dia para a noite. Talvez as filhas das minhas netas colham algum ensaio de fruto da esperança. Mas desistir não é uma opção, não para mim. Se eu estímulo o registro do boletim de ocorrência? Não exatamente. Se for uma mulher que não tem condições para custear uma boa defesa antes de realizar a denúncia, de obter um amparo médico e psicológico certamente essa não seria a minha sugestão. Mas, romper o silêncio é fundamental. Então o que eu diria para uma mulher sobrevivente de alguma violência, independente de qual seja? “Conte para alguém. Pense em alguma pessoa que você confia, que não tenha vínculos emocionais com o seu agressor. E procure ajuda. Conte para alguém!”

Recebi outras mensagens de pessoas de vários estados com relatos parecidos com o meu. Vivências negativas e equivalentes na mesma delegacia onde denunciei. Fiquei mal. Chegou um ponto onde eu não conseguia ligar a TV, o computador ou usar o celular. A *internet* estava infestada de ódio. Me desfiz de tudo que pudesse remeter qualquer memória, mas hoje eu gostaria de ter o material, eu gostaria de publicar, eu gostaria tanto que ao ler as pessoas pudessem ter alguma ideia do terrorismo que é passar por uma situação de escrutínio como essa!

O benefício da dúvida sempre é dado ao homem, nunca para a mulher, de antemão a mulher será vista como culpada, pelo “sim” que disse por medo de morrer, pelo silêncio por medo do que poderia acontecer, pelo “não” quando não queria ou pelo pedido para parar ao mudar de ideia. Existe um comportamento em comum entre as vítimas: o instinto de sobrevivência, nem que o organismo apague as memórias da violência para que você não reviva as emoções da experiência traumática, foi o que aconteceu comigo.

O linchamento de mulheres que rompem o silêncio e são compulsoriamente segregadas não é cruel apenas pelo caso em si, mas pela institucionalização da violência, pelo escárnio público da denúncia... Por esse motivo, é importante pontuar a necessidade de diálogo sobre o assunto, onde o tema não seja tratado como tabu, onde mulheres não sejam desacreditadas, espaços de acolhimento receptivos à comunhão entre mulheres com vivências em comum. Se a comunidade ocidental, de maneira geral, se recusa a manter um convívio saudável que a arte esteja à serviço vida e ampare estas sobreviventes.

De tudo que já vivi, a pior experiência a qual passei foi em 2016... Fazem três anos. Mas parece que não acabou. O motivo que dizem justificar essa tortura que perdura desde então? Eu ousei romper o silêncio. Inclusive ouvi sobre isso após uma tentativa frustrada de acareação na Delegacia da Mulher, ao perceber o que estava prestes a acontecer não entrei na delegacia no horário marcado, percebemos porque me ligaram e disseram que o depoimento estava incompleto, inicialmente estranhei, fiquei horas na delegacia repetindo a mesma história, mas fomos pela manhã quando nos mandaram retornar às 14 horas, ao voltarmos meu pai o viu entrar na delegacia, esperamos um tempo em outro lugar até termos certeza que o algoz havia ido embora. Quando voltamos explicamos que recebi uma ligação, que fui pela manhã, mas mandaram retornar à tarde e que o atendimento não seria no guichê, mas com a agente que havia me ligado, a agente do guichê orientou que eu esperasse minha vez já que o atendimento era por ordem de chegada, após quatro horas de espera, ao ser a próxima a mesma agente respondeu em tom de sarcasmo e deboche que bastava ter avisado que haviam me ligado, porque eu não seria atendida ali, mas em uma sala separada pela funcionária que me ligou. Entrei com minha então advogada. Lá, basicamente disseram que “se eu decidi atrapalhar a investigação deles ao expor para a opinião pública, então eles teriam que agradar a opinião pública e que a escolha foi minha”. A advogada saiu da delegacia chorando, nós sabíamos qual seria o resultado, ela me pediu desculpas e disse que não tinha condições emocionais para continuar.

Meu objetivo foi alertar outras mulheres, dez minutos após a publicação havia centenas de compartilhamentos, apesar do susto ao ver os números não voltei atrás, não apaguei o texto, eu realmente queria alertar o máximo possível de mulheres já que o homem em questão era um segurança que trabalhava em festas universitárias e jovens alcoolizadas, vulneráveis como eu estava, são um alvo fácil.

Ainda que sem ter ideia das proporções políticas do meu gesto, o meu “pecado” foi subverter a subserviência, sem o estereótipo da vítima idealizada, ousei usar minha voz para contar a minha própria história. E a história não permite que mulheres falem por si. Quantos pseudônimos escritoras não criaram ao longo dos séculos para conseguirem publicar suas obras? Quantas descobertas importantíssimas feitas por mulheres que sequer ouvimos falar? Mulher nenhuma tem nada a ganhar narrando um estupro, ela é desacreditada, sofre perseguições, ameaças, humilhações, exames invasivos, precisa tomar coquetéis de remédios extremamente prejudiciais à saúde, tem toda a sua vida exposta ao escrutínio público. Nenhuma de nós arrastaria o próprio nome na lama, se exporia a passar por tais situações, embasada em

uma mentira. Mas... No imaginário comum, se expor gratuitamente por qualquer tipo de interesse negativo ao ponto de estar suscetível ao terrorismo social é mais plausível do que um homem ter prosseguido com o ato mesmo após o “não”. É o que nos ensina a cultura pornográfica, que quanto mais violência mais prazer. A cultura do estupro, da dominação masculina sobre mulheres é o retrato do patriarcado, é a base de uma das três estruturas de classes opressoras, a misoginia, o ódio por mulheres (as outras duas são racismo e capitalismo, todas as outras opressões seriam características destes três sistemas _ podendo ser importante ressaltar que exceções não definem estruturas e que pedir “por favor” não gera mudanças reais).

Romper o silêncio foi o início de um longo processo de libertação, percebi que não apenas para ajudar outras mulheres, mas minha fala ajudaria na minha própria libertação. Ainda que tentassem usar minha narrativa contra mim, o que ainda fazem. Mas, me ouvir permite que eu sinta orgulho de mim e aos poucos consiga abandonar um sentimento de culpa, que de fato nunca me pertenceu.

De acordo com os relatos de estupro que já ouvi, as reações das vítimas durante a agressão geralmente têm relação com suas experiências pessoais. Não obstante, a explicação para minha reação durante o que viria a ser um caso público começa muito antes.

Fui um bebê muito desejado pela minha mãe, que desde seus quatorze anos sabia não poder engravidar. Após alguns tratamentos e o casamento ela engravidou, foi uma gestação de risco, inicialmente o médico dizia ser “ovo cego”, a necessidade de aborto era iminente, dos sete meses de gravidez passou cinco internada, havia risco de morte e ela precisou escolher uma de nós duas para viver caso a situação se agravasse. Ela escolheu a mim! Adianto que estamos bem, nós duas. Mesmo prematura e muito pequena nasci forte e saudável no Hospital Materno Infantil de Brasília, na Asa Sul. Ela que não quis saber o sexo do bebê finalmente teve sua Veluma, sonhada desde os seus quatorze anos quando ficou sabendo não poder engravidar. O nome é de uma ex modelo brasileira afrodescendente que foi impedida de desfilar no Brasil na época da ditadura por racismo, encontrou-se exilada na África e lá considerada “a deusa da beleza negra”, quando a ditadura acabou ela retornou ao país e fez sucesso. Dizem que o nome é afro indígena e significa “terra produtiva”, também já ouvi que sua etimologia é grega e vem de “pluma”, do que é leve, suave... Mas, podem ser apenas histórias.

Até meus três anos de idade fui criada pelos meus avós maternos, meus pais moravam na casa de fundos da casa deles, no Setor Leste do Gama, eles trabalhavam o dia todo e eu ficava com o vovô Salvador e a vovó Alice, fui uma criança muito amada e muito bem

estimulada! Até que aos meus três anos de idade meus pais compraram uma casa e nos mudamos. Na casa do vovô tinha uma secretária que trabalhava lá há alguns anos, ela foi conosco para cuidar de mim, o que ninguém imaginava é que aquele seria meu primeiro relacionamento abusivo. Ela me batia por qualquer motivo, eu não podia usar roupas porque iria sujar e ela não ia lavar, eu não podia dormir na minha cama porque iria bagunçar e ela teria que arrumar, eu não podia usar o banheiro porque ela não iria me ajudar... Então não importava o frio que fizesse eu estaria sem roupas, dormindo no chão, lembro que a mesa da cozinha tinha uns pés meio entrelaçados no centro, de um material que parecia aço, tão gelado! E eu entreva ali naquele emaranhado preto de ferro para dormir porque me sentia mais protegida, era mais difícil para ela me pegar, passei a fazer minhas necessidades fisiológicas no quintal, ficava suja. Conteí para os meus pais, mas eles não acreditaram em mim, fiquei triste e foi a primeira vez que me senti só, senti falta do vovô e da vovó porque eles também falavam sobre não mentir, mas eles acreditavam em mim.

Eu não tinha como me defender, se o vovô estivesse ali nada daquilo teria acontecido. A hora de me despedir da minha mãe quando ela ia trabalhar era uma tortura, eu gritava, chorava, me segurava na roupa dela... Era horrível. Até que conheci uma vizinha um pouco mais velha que eu, a Kelly, eu gritava por ela no portão da minha casa até que ela chegasse, lembro de a Kelly vir ainda enrolada no cobertor, praticamente dormindo, era o meu alívio, enquanto ela estivesse ali eu não apanharia! Um tempo depois ela passou a morar com a gente. Conteí para o vovô o que acontecia, disse que ele tinha me ensinado a não mentir e por isso não era mentira, falei que estava contando para ele porque meus pais não acreditaram em mim. Ele conversou com meus pais, que ainda não acreditaram totalmente. Até que a Maria me bateu na rua, na frente de todo mundo, os pais da Kelly viram e perguntaram aos meus pais se ela era minha avó (ela parecia fisicamente com meu pai, branca, do cabelo preto e liso), quando indagados pelo motivo contaram que me viram apanhar muito na rua, sem roupa.

Por aqueles dias eu já estava fazendo cocô atrás do sofá, escondida para que ela não me visse. Bom, Maria foi demitida e eu tive um histórico de não me dar bem com praticamente nenhuma secretária que era contratada, com exceção de algumas que me amaram e respeitaram, ainda lembro da Lêda, da Mara e da Adriana com muito carinho!

Estudei em uma escola particular no Gama durante toda a minha vida, aproximadamente aos dez anos de idade passei a ter problemas de relacionamento com um parente, ele me agrediu de muitas maneiras... Meu segundo relacionamento abusivo. Não tinha muitas amizades, não

podia. Lá pela oitava série, o que hoje corresponde ao nono ano, isso afetou de maneira negativa meu rendimento escolar e as relações na escola, sofri um processo de exclusão muito doloroso.

Aos dezessete anos comecei a namorar, meu terceiro relacionamento abusivo, aqui além das violências físicas e psicológicas passei a sofrer violências sexuais também (eu sabia que doía, que machucava, mas era confuso, não tinha ideia de fato do que se tratava, afinal, ele dizia que me amava, não é mesmo?!), meu primeiro processo de síndrome de estocolmo².

Passei na UnB. O relacionamento durou dois anos e já afetava minha permanência no curso de Artes Cênicas. Dois meses após o término conheci meu ex marido, meu quarto relacionamento abusivo, que repetia o padrão do namoro anterior sendo ainda pior. Ao todo durou aproximadamente quatro anos, dessa vez foi mais difícil me desvencilhar, mas eu consegui.

Após dois anos da separação quando consegui me reerguer de um processo de reclusão por conta da depressão consegui conversar sobre o que aconteceu, contei para um grupo de pessoas que eu achava serem minhas amigas e foi horrível. Elas disseram que a culpa era minha e que eu apanhava porque gostava, já que era envolvida com política e poderia ter denunciado. Bom, primeiro que conhecimento teórico não é uma vacina, minha socialização já estava estruturada e eu não conseguiria me desvencilhar daquilo sozinha como quem tira uma peça de roupa. E depois, não denunciei por uma série de fatores, um deles é que eu não tinha como provar, eu não tinha testemunhas. Na igreja diziam que a culpa era minha, que “a mulher sábia edifica seu lar e a tola com suas próprias mãos a derruba”, que aquilo acontecia porque eu não lavava as cuecas dele e mais uma série de absurdos. E enquanto passamos nós simplesmente não conseguimos nos mover... Voltando às minhas “amigas”, o que mais me marcou foi quando elas falaram que isso aconteceria com outras mulheres e que a culpa seria minha porque eu não denunciei. No momento em que as ouvi falarem tudo que eu havia conseguido melhorar escorreu como água pelos dedos, senti que estava à beira de um colapso, eu não podia admitir que isso acontecesse, não podia permitir que outras mulheres sofressem o que eu sofri por “minha culpa”. Viu como teoria não emancipa ninguém? Vítimas precisam de amparo, social e do estado, ninguém passa por agressões porque quer. Por sentir que realmente estava em um estado emocional mais delicado do que nunca, procurei um psiquiatra, contei tudo que aconteceu e, na esperança de receber algum tipo de amparo, por último disse o que as supostas

² Nome atribuído a pessoas que são submetidas a viver em uma situação de prolongada violência e acabam desenvolvendo vínculo emocional com o agressor, como mecanismo de sobrevivência do próprio organismo para tentar amenizar as agressões sofridas.

amigas disseram, ele fez eco àquelas palavras. Foi quando me prometi que se acontecesse mais alguma coisa, qualquer coisa, comigo eu denunciaria. Dito e feito.

Na virada do ano de 2016 fui à uma festa com um amigo de faculdade. A festa estava horrível, não era nada parecido com o que foi divulgado, não tinha nenhum lugar para sentar e como eu teria que ficar ali até o amanhecer, porque voltaríamos para casa de ônibus, decidi beber, a festa era *open bar*. Esse amigo costuma sumir quando bebe, lembro vagamente de estar com um colega dele em alguns momentos, mas a sensação foi de estar só a noite inteira. Vou repetir que a festa estava horrível, porque estava. Percebi algumas movimentações que pareceram brigas, já bastante alcoolizada só conseguia pensar em como eu gostaria de estar em casa com minha mãe (lembro da minha mãe me ensinar desde a infância a me aproximar da segurança ou da polícia caso me sentisse perdida, uma vez quando eu tinha aproximadamente cinco anos, foi o que me salvou quando me perdi no Parque Ana Lídia, era feriado e estava tendo *show* do Zezé de Camargo e Luciano, meu primo saiu correndo e me deixou sozinha de propósito, fiquei desesperada, chorei muito, mas achei dois policiais que estavam na entrada do parquinho infantil e fiquei com eles, foi assustador, mas foi lá que meu tio me encontrou), então fui para perto da entrada onde estava a segurança, ironicamente me senti segura.

Num dado momento um segurança aparece atrás de mim e apontou a saída, achei que estava sendo expulsa da festa, não entendi o motivo, mas segui até onde fui direcionada, o lugar era ermo, sem iluminação, ao lado de muito mato... Eu estava muito alcoolizada, sem nenhum equilíbrio, ao chegar no local indicado me apoiei na traseira de um carro para não cair, com bastante medo respirei fundo para tentar me situar... Fui penetrada.

Sempre fui muito reativa, qualquer pessoa que me conheça minimamente sabe, se eu estivesse sóbria ele sequer teria se aproximado. Mas se eu não tivesse experiência eu teria reagido. E bêbada, no meio do nada, sabe-se lá o que poderia ter acontecido. A lembrança daquele tanto de murros, socos, pontapés, xingamentos, humilhações me deram sensação de uma descarga de adrenalina, que durou segundos e me lembrou que reagir seria pior.

Mas é que o medo de contrair AIDS estava me dominando, então respirei fundo, tentei não demonstrar contrariedade e perguntei se ele estava gostando, quando percebi que eu não apanharia perguntei se ele estava usando preservativo, ele disse que sim. Então apaguei. Não recordo de mais nada do que aconteceu durante o estupro. Tempos depois, uma agente da delegacia disse que ele me invadiu quatro ou seis vezes (não lembro exatamente do número,

tentei ler o documento do processo para recordar do que ela disse, mas não consegui passar do primeiro parágrafo do depoimento dele).

Minha próxima lembrança foi ele mandando eu ficar quieta, não podia me mexer nem sair de lá, lembro de permanecer inerte, o medo era tão absoluto que o ar ficou pesado, eu mal conseguia respirar. Foi quando ele chegou com outro segurança e me ofereceu como se coisa eu fosse, “tá aí, cara, manda ver”, entrei em pânico. Ao perceber o primeiro segurança se afastar e o segundo não se aproximar tive coragem de perguntar porque ele me machucaria também, ele repetiu três vezes que não me machucaria, então criei coragem para voltar ao ambiente da festa (não existia possibilidade de ir embora, o meu amigo tinha sumido, nós voltaríamos juntos, ele não aceitaria voltar naquele momento, eu teria que esperar o dia amanhecer para voltar com ele, chamar um serviço de motorista sequer passou pela minha cabeça e contar para ele também não), eu ainda não sabia nomear o que tinha acontecido, mas estava tão paralisada que só percebi que minha saia ainda estava levantada na entrada do galpão.

As sensações eram de sujeira, culpa e vergonha, eu só queria morrer, o lago Paranoá estava ali na minha frente, mas eu não conseguia pular o alambrado. Eu tentei. Com tudo que há em mim eu tentei. A dormência que eu sentia sequer me permitiu titubear. Eu estava certa do que queria. Se não estivesse tão alcoolizada certamente conseguiria, a grade não era alta e estava presa com umas gambiarras de arame (totalmente inseguro, um absurdo!). Mas ao mesmo tempo, se eu não estivesse tão embriagada não teria sido agredida. Bem... Me encontrava desnorteada. Alguns conhecidos que encontrei por lá tentaram cuidar de mim, mas àquela altura não era só o álcool, eu estava completamente perturbada com o que acabara de acontecer.

Até que entrei em um estado de negação, parecia que nada tinha acontecido, fiz um lanche, encontrei meu amigo, fomos embora... Um tempo depois descobri mais um apagão, meu amigo disse que eu não consegui digitar a senha do cartão para pagar o serviço de motorista, que nos levou até a rodoviária do Plano Piloto, Brasília. Minha próxima lembrança foi no ônibus da integração, muito eufórica, chamando meu amigo para ir ao clube, nos despedimos. Outro apagão. Não me recordo do trajeto do transporte, nem de como desci do ônibus, nem de como caminhei até minha casa ou de como entrei. Minha próxima lembrança é fechando a porta do meu quarto, senti vontade de fazer xixi e ao urinar vi um líquido estranho... Entrei em pânico. Foi quando a “ficha caiu”. Eu ainda estava alcoolizada, mas recobri a consciência imediatamente, não consigo transcrever a sensação. Tudo desmoronou em mim

como uma avalanche quando me dei conta que ele não usou preservativo e foi pior ainda quando lembrei que durante a violência eu usava absorvente interno e eu não consegui tirar. O desespero aumentava em medidas inenarráveis. Fui estuprada!

Durante cinco horas tentei remover o absorvente, mas não dei conta. Era primeiro de janeiro, o posto de saúde estava fechado, eu não tinha o que fazer e precisava de ajuda com urgência. Eu fazia parte de um grupo que ajudava mulheres vítimas de violência sexual, eu ajudava essas mulheres, mas dessa vez quem precisou de ajuda fui eu. A idealizadora do grupo foi a Natacha, conversamos muito durante esse espaço de tempo, elas fizeram o que puderam para me acalmar. Então em um impulso saí quase correndo do meu quarto e contei para o meu pai.

Eu, minha mãe e ele fomos direto à delegacia da mulher por insistência minha, eles queriam me levar primeiro ao hospital. Sentei-me sozinha para realizar a denúncia [um grave erro que não nos ensinam sobre, eu deveria estar acompanhada por um(a) advogado(a) para não sofrer tudo que sofri, mas só aprendi sobre isso depois], senti vergonha, não queria que eles ouvissem. Fiz a denúncia, fui muito mal atendida, no IML sofri violência institucional ao ser tratada como uma peça de carne na vitrine, o médico tinha um residente e me mostrava para o estudante como se uma peça eu fosse, ele não conseguiu tirar o absorvente interno, disse que eu era virgem e perguntou porque eu estava fazendo aquilo com o “pobre rapaz”, depois disse que eu estava contraindo a musculatura da vagina porque estava gostando da mão dele dentro de mim e para finalizar falou que o absorvente apodreceria no meu corpo, que eu morreria por isso, que ele fazia questão de anotar que me avisou para depois eu não tentar culpá-lo e querer denunciar. Depois, no hospital fui muito bem acolhida, a médica tirou o absorvente interno (doeu bastante no corpo e na alma), comecei a tomar o coquetel contra HIV e realizei alguns exames. Por ironia do destino ou não, foi o mesmo hospital onde nasci.

Por ser um homem que trabalhava em festas universitárias, me assustou a ideia de que poderia acontecer com outras mulheres, então escrevi uma nota no meu perfil em uma rede social e compartilhei na página do evento, dez minutos depois imaginei que os responsáveis pelo evento já deveriam ter visto e apagado o compartilhamento (eles estavam apagando as dezenas de comentários negativos sobre a festa), então decidi apagar a publicação do meu perfil, já que minhas publicações nunca tinham grande alcance e eu achava que quem tinha que ver já teria visto. Havia quinhentos compartilhamentos. O linchamento virtual foi imediato, meu nome tão diferente era reconhecido por onde eu ia, fora as perseguições físicas e as ameaças de

morte. Entrei em um processo de reclusão. Foi quando por segurança adotei um nome que no ano anterior eu havia pensado em usar como artístico, já que eu dava aula para crianças... O desejo desse nome artístico se tornou em necessidade de ter um nome social. Curiosamente, escolhi esse nome pelo significado, quando vi era o nome da minha avó, me contrapus por muito tempo, mas não teve jeito e hoje o utilizo em todos os lugares. Gosto de pensar que Veluma pariu Alice e depois de tanto tempo reconheço ambas em mim. Inclusive estou com um processo judicial aberto para inclusão desse nome ao meu nome de registro.

Sobre mim, aqui e agora? Isso também passa.

Todos esses processos afetaram minha vida acadêmica, abandonei várias disciplinas, desisti do curso algumas vezes, fui jubilada certas outras, entrei com recurso para voltar outras tantas... E dez anos depois entrego minha monografia. Falar sobre os meus processos neste momento é praticamente inevitável, e não teria como escrever sem a orientação da professora Soraia.

Entre na UnB sem nenhuma experiência, com foco na licenciatura e a primeira experiência artística que tive foi exatamente com a Soraia, em 2009, no meu segundo semestre de universidade, eu recém saída do ensino médio, totalmente inexperiente, fiquei preocupada por não ter repertório, tudo ainda muito novo, tantas possibilidades a serem exploradas, eu sequer sabia por onde começar. Quando ela nos falou sobre o Mexido de Dança e apresentou o método a ser trabalhado: o Memorial, de Pina Bausch. Fiquei encantada com a possibilidade de criar através de mim, das minhas memórias. Talvez mesmo sem saber, com sua generosidade, Soraia me amparou, acolheu e incentivou do início ao fim.

Ainda sobre esse processo de sobrevivência, voltando um pouco no tempo, dia 30 de março de 2008 foi meu aniversário de dezessete anos, eu estava no terceiro ano do ensino médio. Àquela altura as violências físicas, morais e psicológicas já reverberavam em todo o meu corpo, exalavam pela minha pele, eu quase conseguia sentir o cheiro. A última violência havia sido psicológica, em meio ao texto de agressões ouvi que eu não serviria sequer pra limpar latrinas.

O resultado da prova de habilidades específicas havia saído, não encontrei meu nome, teve algum erro com a lista, o resultado divulgado não era o correto e eu não sabia, fiquei desapontada e deixei para lá. No dia seguinte eu estava sentada encostada em uma das paredes da escola na hora do intervalo quando uma conhecida veio correndo falar comigo super feliz,

me parabenizar, eu disse que não tinha como, mas ela insistiu que viu o meu nome, levantei e fomos conferir, não lembro se conseguimos ou se vi em casa. No entanto, com certeza serei sempre grata à irmã caçula da minha colega de classe, que se formou em Artes Cênicas na UnB também. Eis o comunicado:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) CENTRO DE SELEÇÃO E DE PROMOÇÃO DE EVENTOS (CESPE) 1.ª CERTIFICAÇÃO DE HABILIDADE ESPECÍFICA DE 2008 EDITAL N.º 5 – 1.ª HE/2008, DE 30 DE ABRIL DE 2008

O Diretor-Geral do Centro de Seleção e de Promoção de Eventos da Universidade de Brasília (CESPE/UnB) torna público o resultado nas provas de habilidades específicas, após a revisão, dos candidatos inscritos na 1.ª Certificação de Habilidade Específica de 2008. 1 Relação dos candidatos considerados aptos nas provas de habilidades específicas, após a revisão, na seguinte ordem: curso/turno, número de inscrição e nome do candidato em ordem alfabética.

1.2 ARTES CÊNICAS (BACHARELADO) E EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: ARTES CÊNICAS (LICENCIATURA) 10000586, Allan Santos da Silva / 10000600, Ana Carolina de Lemos Mac Dowell / 10000023, Elisangela Cristina dos Santos / 10000660, Eric da Costa Silva / 10000034, Erica do Vale Salles / 10000365, Erica Rodrigues Serra / 10000494, Gustavo Henrique Gris / 10000624, Iasmim Marques Souza / 10000258, Jessica Rossignolli Mariani / 10000513, Joao Gabriel Ferreira Lima / 10000374, Karen Ferreira Monteiro / 10000179, Michelle Caroline Silva Nogueira / 10000475, Rodrigo Mariani de Melo / 10000652, Rodrigo Oliveira dos Santos / 10000353, Stephanie Caroline Marques Santos / 10000304, Tauana Borges Pereira Noleto Calixto / 10000312, Tuanny Pereira de Araujo / 10000609, Veluma Lara Santos / 10000015, Wilson Luiz Granja do Prado. (UnB, 2008, p. 02)

30 de abril de 2008, foi como um presente de aniversário atrasado, um abraço de Deus! A arte educadora que um dia me tornaria começou a surgir na entrevista da prova de habilidades específicas, a banca me perguntou o porquê de Artes Cênicas e se eu escolheria licenciatura ou bacharelado. O nervosismo em que me encontrava sumiu com a convicção da resposta: “escolhi licenciatura, diurno, acredito que a arte ocupa a função do social na escola; a educação pode ser um instrumento poderoso para contribuição da formação individual e transformação social”. Então no primeiro semestre de 2009 ingressei na UnB. Eu já tinha depressão e transtorno de ansiedade, só não sabia.

Após os parênteses, voltando a falar sobre o ano de 2016, depois da minha denúncia se tornar pública tive um breve acompanhamento de psicologia jurídica pela doutora Flávia Timm. Em um dos encontros nos reunimos com uma advogada das causas a favor de mulheres, uma membra do Fórum de Mulheres DF e Entorno e uma membra da Frente de Mulheres Negras do DF e Entorno. Em meio ao turbilhão onde me encontrava aquela reunião foi um fio de esperança, fiquei feliz com os relatos que ouvi sobre os movimentos e debates que aconteceram em decorrência do conhecimento público do caso. Ao final da reunião quando a advogada se despediu de mim, falou-me uma frase que recordo com carinho: “geralmente nós lutamos por

causas que escolhemos lutar, mas às vezes são as causas que escolhem a gente e essa causa escolheu você”. O momento em que percebi necessidade de ressignificar o que aconteceu comigo, para não sucumbir e que minha vivência precisaria reverberar. Eu gostaria muito de ajudar outras mulheres, de oferecer o abraço, o colo, que eu não recebi porque por mais que saibamos as teorias... Não se pode ter dimensão do que significa até que aconteça com você. Mas, como? Eu sabia que não seria naquele momento, estava devastada. Contudo, assim que possível eu precisaria ter uma noção de alguns dados sobre violências contra mulheres para validar o meu discurso. A prática não poderia ser de outro modo, senão, através do teatro. Não com intuito de arte terapia, sim de um fazer político, que em sua essência existe como meio de também educar espectadores de todas as idades através da cena. E não seria por isso que representatividade importa? Para levar à sociedade reflexões que gerem ruídos em suas estruturas tóxicas?! Sem romantizações, algo que alguns anos depois eu idealizaria conceituar por *performance do incômodo*.

Performance do incômodo é a licença poética do fazer cênico performativo de fêmeas humanas por fêmeas humanas, pensado para gerar reflexões em uma sociedade patriarcal sobre a realidade material imposta às mulheres desde seu nascimento através da socialização compulsória. Onde a reflexão se dá por meio do desconforto gerado pelo confronto e pela proposta de cuidado entre mulheres (com tendência a ser apresentada de maneira ritualística, contrapondo o imaginário da rivalidade feminina e da auto anulação da mulher em devoção a outros seres, geralmente ao homem e às suas crias) através da dramaturgia corporal da atriz-performer e de possíveis elementos de cena.

3 VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES NO BRASIL, SOCIALIZAÇÃO FEMININA E SEXISMO

As violências contra as mulheres estão presentes em todas as esferas da sociedade, geralmente não importa o quão genial uma mulher seja, haverá algum comentário sexista que tente invisibilizar sua ação. Não seria diferente nas Artes Cênicas. Uma vez uma menina de aproximadamente cinco anos de idade me chamou em um lugar afastado e pediu “pra gente rodar a língua uma na outra”, fiquei espantada, perguntei onde ela tinha visto aquilo e ela disse que na novela, senti um misto de emoções, a mais forte foi alívio, afinal, a pergunta poderia ter sido feita a um pedófilo e os danos poderiam ser enormes. Desde então não consigo parar de pensar sobre como nossas meninas consomem romantizações de violências.

Muito novas aprendemos que temos que ser “boazinhas”, o que implica que devemos ser silenciosas, falar baixo, não contestar e absolutamente nunca podemos dizer “não”, não temos direito a ter opinião própria, a falar por nós mesmas, os estigmas são terríveis e pioram se você é uma menina afrodescendente.

Outra vez vi uma professora orientando uma menina que era constantemente perturbada por um garoto da turma que os tapas e gritos que sofria se justificavam porque ele gostava dela (um exemplo de romantização da violência), a garota chorava com frequência, tinha aproximadamente nove anos e já estava sendo socializada para a autodestruição, vulgo: socialização feminina.

Os exemplos são muitos, enquanto arte educadora que viria a ser esses dois foram o que mais me marcaram e aguçaram minha curiosidade sobre o tema. Como eu, atriz e futura trabalhadora de arte-educação posso contribuir com o debate, com a reflexão, ainda que em uma microesfera? O primeiro passo talvez seja conhecer as estatísticas, tentar entender a raiz do problema e associar com as minhas vivências para ter um pouco de propriedade sobre o assunto.

Vivemos em um país continental, o Brasil é o 5º maior país do mundo. Em um grupo de 83 países, o Brasil é o 5º país que mais mata mulheres no mundo, de acordo com o Mapa da Violência de 2015, organizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso). Entre os anos de 2003 e 2013 o número de feminicídios aumentou de 3937 para 4762 ao ano, o que representou uma média de 13 feminicídios por dia, um aumento de 21% na década. No

mesmo período os feminicídios entre as mulheres negras passou de 1864 para 2875 ao ano, ou seja, um aumento de 54,2%.

Para falar sobre violência contra mulher é preciso compreender o que ela significa institucionalmente num âmbito nacional:

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, mais conhecida como Convenção de Belém do Pará, define a violência contra mulheres como “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”. A Convenção dispõe que a violência contra a mulher abrange a violência física, sexual ou psicológica: a) perpetrada no âmbito do ambiente doméstico e familiar; b) ocorrida na comunidade e cometida por qualquer pessoa; e c) perpetrada ou tolerada pelo Estado ou seus agentes, onde quer que ocorra. (Panorama da violência contra as mulheres no Brasil, 2018)

É um conceito conciso, que não abre espaço para dúvidas. Mas, a verdade é que mulheres são o único tipo de vítima ensinado a conviver com seus algozes. Seguem alguns dados:

3.1 Violência Sexual

- O Brasil registrou 1 estupro a cada 11 minutos em 2015. São os Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, os mais utilizados sobre o tema.
- Cerca de 70% das vítimas de estupro são crianças e adolescentes. Quem mais comete o crime são homens próximos às vítimas. (Fonte: Ipea, com base em dados de 2011 do Sistema de Informações de Agravo de Notificação do Ministério da Saúde)
- Do total de 22.918 casos de estupro registrados pelo sistema de saúde em 2016, 50,9% foram cometidos contra crianças de até 13 anos. As adolescentes de 14 a 17 são 17% das vítimas e 32,1% eram maiores de idade. A proporção não se mantém estável nos últimos 10 anos. [Fonte: Atlas da Violência 2018, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).]
- Há, em média 10 estupros coletivos notificados todos os dias no sistema de saúde do país. (Dados do Ministério da Saúde de 2016, obtidos pela Folha de S. Paulo). 30% dos municípios não fornecem estes dados ao Ministério.
- Segundo David Marques, pesquisador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP):

Os estudos mais conservadores estimam que o número de registros equivale a, no máximo, 10% da quantidade real de estupros de cada ano, ou seja, esse número é muito pior. Isso em grande medida tem a ver com a confiança que essas vítimas podem ter no próprio sistema de segurança ou de saúde, da forma como vai ser acolhida e da resposta pública a ser oferecida para a situação dramática que estão enfrentando.

Os dados de estupro são sempre muito complicados de se trabalhar, existe um tabu muito grande em se falar sobre esse crime na sociedade brasileira de forma geral.

Sempre tem uma desconfiança muito grande com relação à vítima, situação em que isso se dá é uma dificuldade muito grande na produção de prova, quando a gente vai falar do processamento desses crimes. (2018, site Agência Brasil – EBC)

- Mesmo com o baixo número de notificações, os dados do 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública apontam que em 2017 as polícias registraram 49.497 casos de estupro e o SUS (Sistema Único de Saúde) contabilizou 22.918 casos. A estimativa dos pesquisadores é que o número, caso fossem todos notificados, seriam em torno de 300 mil e 500 mil. [Atlas da Violência do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)].

- Somente 15,7% dos acusados por estupro foram presos (Dados do estado de São Paulo obtidos pelo G1, referentes aos meses de janeiro a julho de 2017).

3.2 Violência Doméstica e Femicídio

- A cada 7,2 segundos uma mulher é vítima de violência física. (Fonte: Relógios da Violência, do Instituto Maria da Penha).

- Em 2013, 13 mulheres morreram todos os dias vítimas de feminicídio. Cerca de 30% foram mortas por parceiro ou ex. (Fonte: Mapa da Violência 2015) Esse número representa um aumento de 21% em relação a década anterior.

- O assassinato de mulheres negras aumentou (54%) enquanto o de brancas diminuiu (9,8%). (Fonte: Mapa da Violência 2015).

- Somente em 2015, a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 – realizou 749.024 atendimentos, ou 1 atendimento a cada 42 segundos. Desde 2005 são quase 5 milhões de atendimentos. (Dados divulgados pelo Ligue 180).

- 2 em cada 3 universitárias brasileiras disseram já ter sofrido algum tipo de violência (sexual, psicológica, moral ou física) no ambiente universitário. (Fonte: Pesquisa “Violência contra a mulher no ambiente universitário”, do Instituto Avon, de 2015).

3.3 O que a população pensa sobre a violência?

- 94% da população acredita que uma mulher ser ‘encoxada’ ou ter o corpo tocado sem a sua autorização é uma forma de violência sexual (Dado obtido em pesquisa do Instituto Locomotiva/agosto 2017).
- Outra pesquisa do Instituto Locomotiva, dessa vez de 2016, aferiu que 2% dos homens admitem espontaneamente ter cometido violência sexual contra uma mulher, mas diante de uma lista de situações, 18% reconhecem terem sido violentos. Quase um quinto dos 100 milhões de homens brasileiros. (Fonte: Pesquisa “Percepções e comportamentos sobre violência sexual no Brasil”, de 2016).
- A quase totalidade da população (96%) acredita que é preciso ensinar os homens a respeitar as mulheres e não as mulheres a terem medo. (Fonte: Pesquisa “Percepções e comportamentos sobre violência sexual no Brasil”).
- 90% concordam que quem presencia ou fica sabendo de um estupro e não testemunha também é culpado. (Fonte: Pesquisa “Percepções e comportamentos sobre violência sexual no Brasil”, de 2016).
- 54% conhecem uma mulher que já foi agredida pelo parceiro. Em todas as classes econômicas. (Fonte: Pesquisa “Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de Mulheres”, de 2013).
- Pelo mesmo levantamento, a maior parcela da população (85%) acredita que mulheres que denunciam seus parceiros correm mais riscos de sofrer assassinato.

De todos os dados a estimativa de que apenas 10% das vítimas de estupro denunciam e que destes apenas 15,7% dos acusados foram presos, acredito ser a mais alarmante. Por que a estimativa é tão baixa? A quem interessa o nosso silêncio? As respostas podem ser simples: medo do agressor, principalmente quando o mesmo é conhecido, vergonha, descrença nas investigações e na justiça, dependência financeira do algoz, o fato de sexo ser um tema tabu, em consequência a ausência de educação sexual nas escolas, a dificuldade em provar as violências sofridas, a revitimização imposta pela sociedade, a falta de suporte psicológico e de segurança promovidos pelo estado, já que é tão difícil provar uma violência, seja sexual, emocional, moral... Para onde vão as vítimas de fato? Quem as acolhe? Não existirá liberdade para mulheres enquanto ao menos uma de nós ainda estiver presa e tenha dependência de sua prisão.

O Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina (EPM) da Universidade Federal do Estado de São Paulo (UnifeSP) _ Campus São Paulo, através do Programa de

Atendimento e Pesquisa em Violência (PROVE) realizou um estudo com mulheres vítimas de violência doméstica _ encaminhadas pela Primeira Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), da Secretaria do Estado de São Paulo _ sobre os sintomas psicopatológicos que as mesmas possuem, que apresentavam comorbidades (a existência de duas ou mais doenças em simultâneas na mesma pessoa, com possibilidade de as patologias se potencializarem mutuamente, ou seja, uma provoca o agravamento da outra, ansiedade e depressão por exemplo). No estudo, 76% foram diagnosticadas com transtorno de estresse pós-traumático, 89% com depressão e 94% com transtorno de ansiedade. A pesquisadora do Prove, Adriana Mozzambini, relatou que:

Nossa pesquisa mostrou que essas mulheres apresentavam muitas alterações no sistema nervoso autônomo (frequência cardíaca e condutância da pele) e prejuízos cognitivos como consequência da violência, tornando-se mais reativas para estímulos desagradáveis, ou seja, evidenciando um estado de alerta constante. (2016, site UNIFESP)

Uma reação comum às mulheres vítimas de estupro no momento da violência é a paralisia, onde a vítima não consegue esboçar nenhum tipo de reação, chamada também de imobilidade tônica, praticamente um estado de morte. No estresse pós-traumático as lembranças sobre o momento podem desaparecer, são dissociações que o organismo faz onde pensamentos, emoções, sensações e memórias são ocultados como instinto de autodefesa.

O Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), do Ministério da Saúde, conseguiu registrar uma estimativa de 23,3% de vítimas de estupro com estresse pós-traumático. Além dos já citados, depressão, ansiedade e fobias as vítimas se tornam mais suscetível ao abuso de drogas, como maneira de fugir da realidade, e ao suicídio. O Sistema de Informação de Agravos de Notificação registrou que 16 a 58% das vítimas contraíram algum tipo de DST (doença sexualmente transmissível) e 7,1% das violências sexuais culminaram em gravidez.

Sobre ser vítima de uma construção social destrutiva, sobre heterossexualidade compulsória, sobre maternidade compulsória, o sistema acaba criando mulheres que se tornam também algozes de suas crianças. Nessa relação o consumo de álcool também é identificado em casos de violência doméstica, Carla Gebara, 2016, doutora em Ciências pelo Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina (EPM/Unifesp) – Campus São Paulo, diz:

Os dados do estudo sugerem que, para além dos fatores individuais avaliados, como consumo de álcool, depressão e características sociodemográficas, as situações de violência podem estar ligadas às relações interpessoais estabelecidas no ambiente doméstico. Observa-se que uma mesma pessoa – no caso, a mulher – pode ser tanto agressora quanto vítima em diferentes relações e que o tipo de violência perpetrado se relaciona com o tipo de violência sofrido. (2016, site UNIFESP)

Carla Gebara, 2016, fez uma pesquisa, em uma mostra comunitária em residências de dois bairros, com diferentes perfis socioeconômicos totalizando 905 mulheres, 6,1% foram identificadas como usuárias de risco de bebidas alcoólicas, essas mulheres foram vítimas de violência doméstica. É importante ressaltar que a relação entre a reverberação das práticas de maus tratos contra os filhos e o consumo de álcool está mais ligado à intensidade do ato do que com o aumento da ocorrência em si. Logo, dentro de uma realidade de violências pela mulher

sofridas, o álcool é uma contribuição para a manifestação de comportamentos violentos, e não a causa determinante.

A abordagem midiática, de forma geral, é extremamente relevante para a romantização e espetacularização de violências. A educação sexual em escolas com profissionais capacitados, que ensinaria crianças e adolescentes sobre os limites do próprio corpo, respeito, empatia, é substituída pela pornografia. Nela nossas crianças e adolescentes têm uma visão distorcida sobre relação sexual, acabam aprendendo sobre romantizar/naturalizar violências. Nos vídeos as ações mais comuns são mulheres sendo tocadas em situações aparentemente cotidianas, sendo asfixiadas enquanto homens se masturbam ou quando são penetradas, esbofeteadas, duplamente ou triplamente penetradas até prolapsarem, o corpo da mulher inexistente, ela não passa de uma serva sexual, não importa que não gostem, que sintam dor, a dor os excita, eles só querem fazer valer o dinheiro.

Precisamos ensinar para as nossas crianças que a prostituição e a pornografia são a capitalização da cultura do estupro, que tem ligação maternidade compulsória, torna mulheres cativas, sem perspectiva de futuro e, algumas vezes, alcoses de suas crias indesejadas. A cultura do estupro, desembocada na exploração da capacidade reprodutiva de fêmeas humanas, garante que mulheres sejam isoladas da sociedade, sendo assim uma ferramenta de colonização. Adriana Mozzambini critica a abordagem midiática romantizada e espetacularizada sobre os casos de violência doméstica:

Os programas televisivos dramatizam os crimes: de um lado acusam o criminoso, de outro romantizam o crime. Não fazem o seu verdadeiro papel, que é a maior divulgação dos direitos das pessoas vítimas de violência doméstica e dos locais onde prestar ocorrência ou procurar ajuda médica e psicológica. (2016, site UNIFESP)

Isso, quando as sobreviventes não são revitimizadas pela própria mídia e não sofrem um linchamento moral pela sociedade.

Mesmo com dados tão desanimadores é importante ressaltar que romper o silêncio é fundamental para reivindicação da autonomia sobre o nosso próprio corpo, dos nossos direitos civis, da liberdade de escolha e à vida. Não precisa ser para a polícia, mas peça ajuda, conte para alguém!



Figura 1. Manifestante na Avenida Paulista (SP). Ato Por Todas Elas, em repúdio à cultura do estupro e à violência contra a mulher (junho/2016). Foto: Paulo Plinio/AGPT. Site Justificando.

4 O PRINCÍPIO

A originalidade do que poderia, e pode, ser *performance do incômodo* não está no discurso inédito, em dados desconhecidos ou em teorias acadêmicas artísticas. Mas, em uma mulher, sobrevivente de um leque de violências, ativista antissexista e entusiasta das artes cênicas, das teatralidades brasileiras, que percebe o poder de transformação social contido em se apropriar das próprias narrativas e romper o silêncio, num processo contínuo de autolibertação sequer imaginado, que mesmo apesar de todas as batalhas internas permaneceu viva. No meu processo pessoal, romper o silêncio construiu pontes entre vítimas, teceu uma rede de apoio entre mulheres renomadas, cada uma em sua área de atuação, que eu jamais imaginaria conhecer e foi uma honra.

No primeiro semestre de 2016, logo após a repercussão midiática explosiva sobre a violência sexual que sofri, tentei seguir com o curso de Artes Cênicas, eu estava vindo de um longo período de depressão, referente aos relacionamentos abusivos que vivi, preparada para a reta final da graduação e eu simplesmente não concebia não terminar o curso naquele momento, me afastar novamente. Mas os comentários, os olhares, vindos inclusive de professores minaram minhas forças escassas. Tive que me afastar mais uma vez. Dessa vez, diante de uma circunstância que se posicionou em situação de espetáculo para a sociedade e, definitivamente, o meu pior pesadelo.

Dentre minhas tentativas cursei duas aulas no primeiro semestre de 2016 denominadas Técnicas Experimentais em Artes Cênicas, é uma disciplina optativa onde em cada turma o professor responsável ministra conteúdos ligados às Artes Cênicas que não estão inclusos nas disciplinas obrigatórias. Uma das aulas foi com a professora Soraia, um dos poucos momentos memoráveis que tive na universidade. Eu estava submersa em dores. Aquele foi o único lugar de acolhimento em afeto que tive, fui ouvida, não fui julgada, era uma turma pequena, o foco da disciplina era organizar os arquivos do CDPDan (Coletivo de Documentação e Pesquisa em Dança Eros Volússia), coordenado pela própria professora Soraia. Talvez porque, cada um com sua vivência, estávamos todos vulneráveis. Para além da organização dos arquivos, concebemos um processo de performance baseado em nossos memoriais, compusemos cartas de afago uns aos outros... A culminância da disciplina aconteceu durante o Cometa Cenas, em uma das rampas, fechamos os dois acessos com barbantes em uma espécie de teia, havia músicas, declarações pelo microfone, comidas, um túnel de tecido preenchido por balões onde

atravessávamos, dançamos, enquanto algumas pessoas passavam pelo lado de fora do prédio e nos assistiam através das paredes de vidro.

Segundo o conceito “interatores” citado por Bia Medeiros em 2007, nós éramos nossos próprios “interatores”, já que a percepção sobre nós mesmos nos deixou abertos uns aos outros, tocamos percepções, guardamos a sensação de catarse e reverberamos, expurgamos nossa humanidade, sendo o corpo objeto e sujeito do expurgo de (in)vulnerabilidades. Abaixo um registro feito por alguém da turma (não vi a foto ser feita):



Figura 2. Mexidinho Performático. Arquivo pessoal. 1/2016.

Participar dessa turma começou a me encorajar sobre as possibilidades de criar um repertório pessoal. Até então vivi para sobreviver, para tentar vencer um dia por vez, com muito medo e insegurança. Ao olhar algumas fotos antigas quando procurei a foto acima senti vontade de abraçar aquela garota de semblante triste! Retomando o fio da meada, na outra turma que participei deveríamos apresentar uma cena curta de cinco minutos, sobre qualquer tema, com qualquer estética, o único requisito era utilizar as técnicas aprendidas durante as aulas. É quando minha *performance do incômodo* começa a ser concebida (por seguir o movimento das demandas da vida talvez nunca esteja concluída).

Segundo Bia Medeiros, 2007, a performance trata de levar uma ideia ao público, leva alguns instrumentos, alguns papéis, palavras e com esses elementos suscita no público uma reação que o faça entrar no jogo e o torne realmente interator, ainda que sem interação física. A performance fala de realidades que a realidade tenta esconder, onde o acontecimento é feito por corpos que colidem, se confundem, misturam ou separam, é reconhecer-se no outro, um exercício de empatia, troca, é o espaço da subjetividade onde o jogo é proposto. É pensar e fazer

o mundo com algo que está entre. No “espaço entre”, entre momentos, pessoas, subjetividades, culturas... Ritos de passagem.

A tessitura conceitual me leva à liminaridade, conceituada pelo antropólogo Victor Turner, 1974, um estado subjetivo de estar no limite, entre dois estados diferentes de existência, é o exato momento da passagem.

Eu estava começando a perceber necessidade política de contar a minha história, provavelmente a mesma de tantas outras mulheres desde períodos que não podemos datar, por apagamento histórico. Senti necessidade de repetição, de gritar, de escancarar feridas. A curiosidade de pesquisar sobre nossas dores em estatísticas e a paixão pelas Artes Cênicas, levou-me a unir os três fatores (vivência, estatísticas e teatralidades). Era hora!

Narrativas como a minha precisam ser ouvidas para gerar reflexões, e assim, propor mudanças efetivas. Senti necessidade de me alimentar na fonte das contações de histórias. Mas não sobre a contação de histórias literária, se fazia necessária transmissão de conhecimentos através de histórias. O autor Daniel Munduruku, 2015, discorre em sua obra sobre a necessidade de viver o aqui-agora, o presente, a necessidade de ouvir histórias para a criação de uma tradição em movimento, que atenda as demandas da época sem esquecer de aprendizados passados. Daniel também fala sobre a necessidade da pausa, que me lembra que a ansiedade não tem força para engolir minha narrativa e que eu preciso respirar para seguir. Exercitar ser narradora e ouvinte ao explorar o uso da pausa, com sensibilidade e generosidade, ainda que com uma abordagem incômoda, como um convite ao jogo para a existência do interator em resistência poética e política. Tendo em mente que a arte narrativa faz parte do tecido da cultura, independente da linguagem apresentada.

A história a ser contada nessa performance-ritual deveria ser então uma ação baseada em um contexto estrutural para gerar reflexão sobre fenômenos sociais nocivos às mulheres. Minha insegurança de me basear nas minhas vivências e usá-las como meu objeto de pesquisa se dissolve pouco a pouco ao observar a análise de Solange Caldeira, 2010, sobre a construção poética de Pina Bausch. O que imediatamente me atrai no trabalho de Pina Bausch é o apelo às percepções sensoriais, que me permitiria colocar em cena algo em que costumo divagar há alguns anos que é a sensorialidade em meio às teatralidades, não apenas a audição e a visão, ou em casos mais raros o paladar, mas o olfato e o tato também. Nesta face da construção processual o interesse está no impulso gerador de centelha de vida, da necessidade de (verbaliz)ação, a dramatização de cicatrizes psicológicas e emocionais. O que move a artista é

mais importante do que como ela se move, sendo o trabalho sobre relações. Para fortalecer esse conceito, em uma entrevista à Marie Claire, Marina Abramovic responde que “quanto pior sua infância, melhor a sua arte”, já que seu trabalho reverbera dores adquiridas desde sua infância com ausência afetiva de seus pais. O que não quer dizer que uma mulher só pode ser considerada uma boa artista se for vítima de alguma agressão, por favor! É sobre a visceralidade, a potência artística contida na ressignificação sobre a dor humana. Afinal, do que se trata a arte se não das relações das pessoas com o que possa conter o mundo?

Ler sobre a existências dessas mulheres e seus trabalhos me encoraja, não em um sentido egocêntrico, mas no sentido de que eu posso ressignificar minhas dores, gerar reflexão a alguns, afagar e acolher outras. O que me encanta no trabalho de Pina Bausch são os gestos repetidos da escrita dramaturgic corporal, os sons, os cheiros, expressões vocais pontuais, essas características podem configurar um caráter ritualístico à cena. Sem atos gratuitos, Pina questionava estruturas e relações de poder, se colocava na liminaridade da exploração espetacular da artista e a denúncia da exploração da mulher enquanto vítima. A memória era o elemento articulador dos temas apresentados. E se o público se encontrava em situação de desconforto é porque aquela situação foi de confronto proposital, em caso de identificação negativa; com identificação positiva a situação apresentada passa a ser de representatividade.

O uso de memórias para criação de repertório é desgastante e exaustivo, mas não romper o silêncio é esmagador e se a artista conseguir atingir ao menos uma pessoa de seu público, o trabalho alcançou seu objetivo.

Com uma base teórica que firmaria meus passos dali em diante, ainda que com possíveis críticas negativas e apesar do nervosismo, da ansiedade e da angústia, o próximo passo seria a elaboração de uma cena que uniria os conceitos apresentados.

5 VIA CRUCIS DO ÚTERO: PERFORMANCE DO INCÔMODO

5.1 Entre flores, as lágrimas

Reconhecer as dores não é negar as alegrias, a vida não é linear e é cheia de contradições. Fui uma criança muito feliz, principalmente quando estava na casa dos meus avós maternos, tenho lembranças lindas dos dois! Foram, e ainda são, a parte colorida da minha vida. Eu passava a semana esperando pelo final de semana, quando eu dormia na casa dos dois, o vovô me tomava tabuada, perguntava as horas, minha avozinha sempre me ajudava, ele colhia mandioca, cuidava das árvores, limpava o terreno dos fundos, sempre andava com um molho enorme de dezenas de chaves, primava muito pela segurança da casa; cada porta externa além das fechaduras tinham dois trincos, no portão com acesso à rua: duas trincas e cadeados, antes da porta da sala havia um portão com fechadura, trincas e cadeados, depois da porta da cozinha também, sem contar na trava de ferro que atravessava a porta da cozinha; ele também era diácono da igreja e tinha todas as chaves naquele chaveiro gigante.

No portal da sala um relógio badalava as horas, hoje sem pilhas na parede do meu quarto. No quarto das meninas a vovó fazia questão de trocar as roupas de cama toda vez que eu ia dormir, eu dizia que não precisava, mas no fundo amava todo aquele carinho, cuidado e atenção. Ainda posso sentir o cheirinho que as noites tinham lá, por baixo da colcha de retalhos que ela mesma fazia, um lençol bem esticado, antes de dormir um “lanchu” de chá quentinho com folhas colhidas do pé de capim santo misturado com folhas de “lôro” (que na verdade eram folhas de alfavaca, mas a gente sempre falou louro). Organizar as panelas e lavar a louça com o vovô, escovar os dentes, acompanhá-lo na leitura da bíblia e oração de meia noite, era a última atividade do dia. No outro dia às cinco horas da manhã eu acordava com cheirinho de café da manhã e almoço, ao som de algum programa de moda de viola no rádio, ele sempre perguntava “quer tomar café ou almoçar?”, meu coração se enche tanto de saudade que transborda pelos olhos!

Durante o dia eu cuidava das flores com a vovó, aprendi a semear margaridas, esse era um segredo só nosso, eu também achava a comida dela mais gostosa, mas não falava nada para não magoar o vovô, era ele quem cozinhava sempre, minha avozinha tinha Mal de Parkinson há pelo menos trinta anos, ela me ensinava a amassar o alho e observar para um dia aprender a cozinhar.

Eu esperava ansiosa pelos domingos de manhã na casa dos dois porque íamos à Escola Dominical da igreja Presbiteriana, meu pai não deixava, mas eu amava! Tinha orgulho de ser neta dos meus avós.

Esse recorte da minha infância é o período mais lindo da minha vida, estou chorando enquanto escrevo. Queria poder dar um abraço neles! Às vezes quando estou muito triste sonho com minha avozinha, ela vem, me abraça, dá colo, e sempre antes de acordar diz que precisa ir embora, que é hora de acordar, mas que ela sempre vai estar comigo. São sonhos conscientes de serem sonhos. Talvez eu me identifique muito com ela... E compartilhar essa história é falar sobre possíveis contradições, que a existência de um momento não anula o outro, sobre a não linearidade da vida, das memórias, das narrativas reais, das denúncias.

Meu avô era afro indígena, originário dos povos Xakriabá, de Minas Gerais, sua mãe foi pega no laço por um homem que havia sido escravizado e faleceu seis meses após o nascimento do meu avô, seu pai faleceu com um tiro de espingarda que saiu pela culatra enquanto limpava a arma, quando ele tinha apenas sete anos de idade. Vovô era afilhado do coronel, dono da fazenda onde moravam, mas foi imediatamente escravizado também, apenas seu irmão mais velho foi acolhido. Meu avô passou a dormir no celeiro e disputar comida com os porcos, além de ser espancado todos os dias, décadas depois seu corpo ainda mostrava as marcas de afundamentos no crânio como cicatrizes dos chutes, pauladas e chicotadas que um dia levava. Consegui sua emancipação após enfrentar o coronel depois de adulto. Casou-se, sua esposa faleceu em decorrência do parto, ele perdeu tudo que conquistou tentando pagar o tratamento, precisou deixar seus três filhos em casas diferentes e veio para a construção de Brasília com o ofício de eletricitista. Devido sua vivência no interior de Minas Gerais se tornou em um exímio contador de histórias, ele não admitia “porque eram só histórias de vida”, mas nunca conheci nada igual.

Minha avó era babá, trabalhava perto do prédio onde ele trabalhava, parece que ele instalou eletricidade no apartamento do presidente Juscelino Kubitschek, não lembro se foi lá, mas foi nessa época em que se conheceram, casaram-se, meu avô trouxe os filhos, minha avó já tinha um filho e posteriormente tiveram mais três crianças. Mas, por algum motivo não se falava da história dela... E aquilo me incomodava.

Durante o final da minha adolescência as coisas foram ficando menos floridas, eu percebi que no silêncio da minha avó tinha dor, que ela não era uma “santa” como diziam, mas uma mulher silenciada. Até que um dia ouvi parte de sua história contada de maneira velada,

em voz sussurrada, como se uma ação criminosa fosse. Minha avó era filha de um cafeicultor do nordeste, sempre foi muito inteligente, lecionava... Até que sofreu um estupro, engravidou e por isso foi expulsa de casa, grávida. Passou a gestação escondida na mata, sua irmã mais velha levava comida e agasalho escondido para ela, até que pariu, seu pai tomou o bebê e ela veio ser babá em Brasília para conseguir sobreviver.

Compreendi que seu silêncio não era “só” pela ausência dos filhos e pelas agressões verbais de quando estavam presentes, ou por ser praticamente invisível aos olhos da família diante do exuberante patriarca. Atualmente entendo que aquele silêncio cortante era de dor, que ficar entre as flores era uma forma de se proteger para chorar, eu lembro dos gritos que ela recebia do meu avô e hoje vejo que não era amor, observá-la chorar no portão quando ele saía era o reflexo de uma síndrome de estocolmo, mas o que ela poderia fazer? Ninguém estendeu a mão, ninguém a levou ao psiquiatra, ao psicólogo, para tratar sobre essas dores, ninguém disse que a culpa não foi dela, ninguém disse que ela não merecia ser castigada e que nada do que tinha acontecido a deixava suja... Por décadas abafada na mais profunda solidão. Como seria possível não adoecer assim?

Em seus raros momentos de lampejo lembro como era inteligente, irônica, como utilizava seu humor ácido para responder com tapas de luva de pelica quem a perturbava.

O que ninguém esperava, vizinha, é que as mulheres cujos pés foram impedidos de correr dariam à luz filhas com asas. E estou aqui!

5.2 Poética política do útero

Eu vim do estupro. Não sou um caso isolado. A miscigenação brasileira nasceu do estupro, das indígenas pegadas no laço, das africanas escravizadas também sexualmente. Será se não passou da hora desse tema ser debatido, em todas as áreas? Se somos um povo que desconhece e nega o seu passado como podemos viver o presente com nossas mulheres desamparadas e adoecidas?

Em “O Processo Ritual – Estrutura e Antiestrutura”, de 1974, Victor Turner discorre sobre ritos nas *communitas*. Em um paralelo sobre as *communitas* de modo geral, irei ater-me ao foco da narrativa poética política do útero, Turner fala sobre o conceito de “conflito” passar

a se relacionar com o conceito de “estrutura social”, onde um se opõe ao outro e a diferença passa a ser objeto de luta entre os grupos opostos, de oprimidos e opressores.

A estrutura consiste em um conjunto de classificações de modo que questões sobre cultura, natureza e as vidas das pessoas sejam pensadas de acordo com o que se deseja impor. Contudo, as imposições da estrutura vigente não conseguem anular as reivindicações do grupo oprimido sobre sua realidade material, está instaurado então o conflito. Essa realidade material abrange a totalidade da existência da fêmea humana em relação a outras mulheres inteiras. As relações entre essas mulheres totais, conscientes de si, de sua história, das opressões que sofrem, do seu potencial criador/criativo, são geradoras de símbolos, metáforas, estratégias de sobrevivência.

Arte e religião surgem, então, como produtos dessas relações. Sob essa ótica, profetisas e artistas são vistas como criadoras de uma “moral aberta”, uma “força vital evolutiva”, já que são pessoas a viver no estado-entre, na passagem, em fronteiras, à margem, porque se esforçam em verdade por libertação de opressões, para o livre exercer de si longe de padrões impostos. Podendo assim se destacar das incumbências de papéis sociais para enlaçar-se em relações vitais, totais, com outras mulheres em pleno exercício de autonomia, dentro de suas respectivas realidades. Onde a culminância das suas produções chega a ser uma mostra de potencial evolutivo positivo para a humanidade, ainda não estabelecido como nova estrutura.

Fui criada na igreja evangélica e apesar de todas as críticas que tenho a tecer sobre a religião, tive experiências espirituais incríveis! Foi a fé quem me amparou quando eu mais precisei, após cada hematoma, cada humilhação, cada violência psicológica, cada violação do meu sexo... Acreditar que alguém me amparava, me acolhia, colocava no colo, segurava minhas mãos enquanto eu orava ou cantava dentro do meu quarto me permitiu permanecer viva e sã. Na época, gostaria que pessoas próximas a mim experimentassem também a mesma sensação de liberdade que eu. Costumava dizer que mesmo com todas as críticas que poderiam existir a respeito do cristianismo nada mais me fazia sentir o que eu sentia quando estava no Santo dos Santos, no meu momento de intimidade com Deus. Era como se eu irradiasse! Uma experiência total. Destacada de toda e qualquer incumbência social.

Durante minha pré-adolescência meu ciclo de vida social foi totalmente baseado na igreja, simplesmente porque era o único lugar onde me era permitido estar. Eu não podia ir para festas ou confraternizações com meus colegas de escola, por exemplo. Ir para igreja gerava

sérios conflitos dentro de casa que agravavam meu estado de saúde emocional, mas, estar na igreja era também uma fuga.

Aos poucos a rota de fuga foi alterada da igreja para a UnB, das profecias para a arte e mais uma vez o espaço-entre foi consolidado em mim. Arte, política e cristianismo são opostos e tendem a não dialogar. Mas a vida cristã fazia tanta parte de mim quanto a vida política, e agora a arte como pretensão ofício. Na ausência de repertório artístico, diversas vezes recorri às minhas experiências espirituais para compor. Mesmo não me achando digna na maioria das vezes.

Em minha primeira performance, a turma de Interpretação Teatral 4 estava disposta em roda, todos de mãos dadas, a orientação foi que a partir do momento que eu começasse a falar que reagissem como quisessem, então entrei no círculo, montei uma espécie de altar, ajoelhei, me ungi com óleo santo, iniciei a oração do Pai Nosso, alguns não rezaram, outros manifestaram repúdio, ao final do Pai Nosso cantei a música Estou Só – Ministério Filhos do Homem:

Estou só, posso ouvir a sua voz. Meu coração é teu, quero em teus braços descansar. Sou teu filho, e é bom estar contigo como um filho, que sente a presença do pai ao seu redor. Vou olhar em teus olhos, vou jogar-me em teus braços... Como criança me gira no ar! Este é o instante que eu espero, este é o momento que eu mais quero: a hora de te encontrar. (BATISTON, 2005, música 07)

Meu figurino era um vestido de alças, na altura dos joelhos, estampa de onça. Enquanto ajoelhada no que representava o altar, passava um batom vermelho nos lábios e fazia um símbolo de vênus no lado esquerdo da minha face com o mesmo batom. Durante o Pai Nosso houve resistência, enquanto cantava percebi algumas pessoas parando de xingar aquela figura que aparentemente poderia representar a igreja, mas possivelmente alguns perceberam que poderia se tratar de mim. Era um momento de trabalhos finais, percebi que houve incômodo e de todas as performances da turma a minha foi a única sem ter um momento de comentários. Senti como se fosse algo pessoal contra mim, após um curto período acabei abandonando a disciplina. Eu ainda era uma menina ferida tentando expurgar as dores sem saber como, sem maturidade para compreender que artisticamente aquele poderia ser o início de uma estética minha, a *performance do incômodo*, onde o diálogo se dá pelo confronto com uns e pelo acolhimento com outras.

Situações podem ser comunicadas de várias maneiras, mais leves, sutis e gentis, assim como podem explodir depois de muito implodir. Eu estou cansada de ouvir que me faço de vítima, cansada de me esconder para agradar, cansada de ser tratada como uma figura em quem se apoiar e depois permanecer só. Cansada de ser rotulada como triste, agressiva, louca ou má

por ser uma sobrevivente comunicativa. Quantas outras mulheres também não se sentem assim? Logo, uso do meu privilégio do acesso à educação para falar que as nossas vozes também importam, que as nossas urgências sobre leis, aplicação de leis e saúde pública não são mero desabafo (como quem fala de uma unha encravada). Não tem como voltar atrás, não tem como fingir que nada aconteceu, é uma realidade cruel. Permaneço cansada. Mas, seguindo! Em luta, resistência, existência, sobrevivência. E cada vez mais experiente. Sem afago. Eu vim para pisar no calo, para incomodar, ocupar e reverberar. Pedir “por favor” nunca resolveu. Já existem muitas mulheres implorando baixinho ao longo dos séculos. Então sim, minha postura é combativa, meu lugar é no frente e no momento aqui-agora é uma escolha consciente.

5.3 Caminho à Nzinga

A segunda performance foi no primeiro semestre de 2016, a exposição na mídia ainda estava visceral, mas dessa vez a performance foi mais bem elaborada. O tempo estipulado para a cena foi de cinco minutos. A proposta era uma performance com ação direta da(o) interator(a). O desejo imediato foi a presença da sensorialidade, minha memória olfativa costuma ser presente e eu gostaria que o cheiro da experiência fosse marcante. Era importante que a performance acontecesse entre duas pessoas: a performer e a(o) interator(a), independentemente da quantidade de espectadores.

Me inspirei em uma sacralidade transitória, a cerimônia de lava pés, uma tradição patriarcal milenar. Nas civilizações antigas quando as pessoas chegavam em casa lavavam os pés porque andavam descalços ou com sandálias na terra, esse serviço era atribuído às pessoas com posição inferior, as escravizadas e as mulheres. Mas, principalmente às mulheres, já que nem todas as famílias possuíam servos. Um exemplo clássico é a história de quando Maria, irmã de Lázaro, lavou os pés de Jesus com bálsamo e secou com seus cabelos (sem entrar no mérito da parábola).

Ajoelhar-se para lavar pés é um gesto repleto de significados. Uma mulher lavar os pés de homens pode representar um reforço à submissão, à inferioridade da mulher em relação ao homem. Enquanto uma mulher ajoelhar-se diante de outra mulher para lavar seus pés, enxugar e massagear, pode ser reverenciar também a sua própria existência, perceber que não estamos sós, que temos umas às outras nos fortalece e quando percebemos que não somos inimigas geramos potência transformadora.

Como cenário, coloquei uma cadeira ao centro do espaço onde aconteceria a ação, de um lado da cadeira havia uma bacia branca com água perfumada e pétalas de flores, uma toalha branca e um creme corporal; do outro lado uma toalha marrom, bacia de palha com água, areia vermelha, folhas secas e um miolo de maçã que comi (o fruto proibido difundido pela igreja), luvas, máscara e um jaleco. Como na imagem:



Figura 3. Performance Nzinga. Arquivo pessoal. Foto: Zé Reis. 2016.

Após cenário montado, o Cronômetro da Violência Contra as Mulheres no Brasil deveria ser projetado como plano de fundo da ação, todavia estava indisponível e foi lido por um colega de turma:

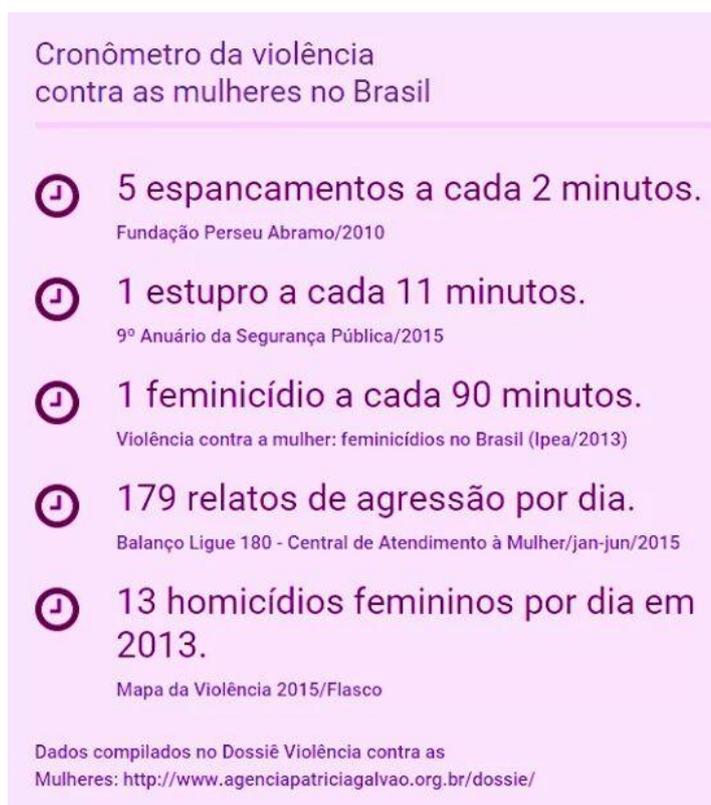


Figura 4. Cronômetro da violência contra as mulheres no Brasil.

Me posicionei atrás da cadeira indicando que a primeira pessoa se sentasse. A performance poderia durar minutos ou horas, dependeria do jogo com os interatores. Apesar de ter um roteiro definido o viés é do improviso. Dados os elementos a ação estabeleceu-se de modo a ficar minimamente subentendida.

A primeira pessoa a se sentar foi uma mulher, que teve seus pés lavados, secos, massageados e ao final do nosso momento de conexão nos abraçamos. Muitas colegas se sentaram na cadeira e todas receberam o mesmo afeto, o mesmo cuidado, a rivalidade feminina nos ensina a competir entre nós e, de modo geral, raramente olhamos umas para as outras com a atenção que gostaríamos de receber. A experiência me conferiu muita força pelo simples fato de promover o autocuidado entre nós mesmas. Foi gratificante!

Após alguns minutos do ritual, da repetição, um rapaz sentou-se. Me paramentei com os acessórios médicos, ajoelhei-me diante dele e lavei seus pés com a água vermelha. Alguns relacionaram a cor avermelhada a sangue, outros sujeira, eu vi privilégios, que ainda que negados os são conferidos e diariamente nos custam a vida. Durante a lavagem citei em voz alta nomes de mulheres vítimas de violências, nomes conhecidos publicamente, conhecidos em minha esfera privada, quando de repente ouvi vozes vindas da plateia dizendo outros nomes, uma intervenção convocou outras vozes femininas, até que todas entoávamos nomes de nossas iguais, vítimas de todos os tipos de violências. No ápice das falas afastei a bacia, me retirei da sala, respirei, andei devagar até o banheiro, tirei os acessórios, lavei as mãos e retornei. Esse tempo durou quinze minutos aproximadamente.

Ao retornar, a ação reverberava. O rapaz ainda estava sentado na cadeira com os pés cheios de lama, a plateia no mesmo lugar. Os aplausos! Na roda de debate muitos sentimentos, revolta, empatia, desconforto... Incômodo. A repetição, que inicialmente incomodou esteticamente, foi compreendida como necessária pelo cuidado, pela necessidade humana de afeto. Como dramaturgia, repetir integrou pausas, conferiu tempo ao imaginário em tempos de dinamicidade, fugacidade, adventos da *internet* e dos descartáveis. Isso posto, o rito de refazer os mesmos gestos se estabelece enquanto proposta dramaturgica e estética.

O momento em que precede minha retirada do ambiente performativo foi registrado. Os pés do interator já estavam fora da bacia e assim permaneceriam assim até meu retorno. Conforme a imagem:



Figura 5. Performance Nzinga. Arquivo pessoal. Foto: Zé Reis. 2016.

Alcançado o término do debate fui perguntada sobre o nome da performance, por ser um material que poderia ser explorado novamente. Não havia um nome. Sugeriram “Nzinga”, rainha e diplomata de Ndongo, terra onde hoje é Angola, foi estrategista militar e o maior símbolo da resistência africana à colonização. E fazia todo sentido.

Como num *insight* percebi potência criativa na utilização da minha narrativa a partir da linguagem teatral. Uma concepção pautada na sobrevivência de mulheres, socialmente educativa já que suscita reflexão, e educação não está apenas no ensino regular ou nas academias, não é mesmo?! Afinal, não precisamos nos educar enquanto sociedade?! Com as necessárias adaptações, romper o silêncio dentro do teatro é um fazer que pode acolher todas as idades.

Foi dada então a liminaridade entre vida profética e vida artística.

6 PROJETO ESCOLA – ÚTERO DE CALIANDRA

“Escolhi licenciatura, diurno, acredito que a arte ocupa a função do social na escola; a educação pode ser um instrumento poderoso para contribuição da formação individual e transformação social” foi a resposta que dei para a banca da prova de habilidades específicas quando interrogada sobre o porquê de escolher Artes Cênicas, logo após uma audição ruim. Então retorno ao ponto de partida, minhas descobertas possibilidades artísticas poderiam me conduzir à uma docência sensível. E propor um fazer artístico aos discentes por mim mediados.

A performance como instrumento de conscientização em sala de aula pode ser parte do processo de ensino-aprendizagem. Já que além de direito à arte é necessária compreensão de que estudantes são pessoas em formação, que muitas vezes não possuem a dimensão da importância de sua voz. Principalmente crianças e adolescentes pertencentes a grupos oprimidos e periféricos. A referida prática pode ser vivenciada através de uma proposta democrática horizontal, ao dialogar sobre questões de classes (raciais, sexuais e monetárias) em prol do conhecimento e de um fazer teatral equânime. Incentivando o uso da voz de cada um(a) e da escuta sensível para promover a consciência coletiva sobre si e sobre o outro ao decorrer do tempo-espaço do processo.

O Projeto Escola – Útero de Caliandra visa aplicar o produto da presente dissertação de conclusão curso, como pesquisa continuada. Colocando em prática um ambiente onde demandas de pensamentos críticos dos discentes sobre situações atuais e o que pode ser uma produção de teatro escola contemporânea. Mostrando-os que suas experiências de vida podem potencializar a compreensão do conhecimento escolar, acadêmico e artístico. Ao abraçar o aspecto teatral do ensino, proporcionando assim espaço para mudanças e criações.

Enquanto futura docente apresento um plano de curso que baseará o trabalho, passivo de alterações de acordo com a necessidade. Almejando um festival anual. Na sessão “anexo” está a Sequência Didática que dará suporte ao processo criativo de cada turma.

6.1 Apresentação

Plano de Curso para séries finais do Ensino Fundamental II, baseado nas Competências Específicas de Linguagens Para o Ensino Fundamental, a partir das Seis Dimensões do

Conhecimento, das Competências Específicas de Linguagens e das Habilidades da Base Nacional Comum Curricular.

6.2 Objetivo Geral

Apresentar aos estudantes possibilidades de criação cênica partindo de suas experiências individuais, para o desenvolvimento de habilidades artísticas, sociais, culturais e políticas.

6.3 Objetivos Específicos

- Desenvolver com os estudantes exercícios teatrais de improvisação, jogos, criação de cenas para performances e encenações.
- Construir repertório para as ações cênicas.
- Pesquisar o tema a ser abordado na culminância, que será debatido pessoalmente de acordo com a demanda da turma.
- Propiciar que os estudantes compreendam a importância de suas vozes e reconheçam suas potencialidades criativas e criadoras.

6.4 Competências e habilidades a serem desenvolvidas:

As dimensões são:

1• Criação: refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações.

2• Crítica: refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.

3• Estesia: refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência.

4• Expressão: refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.

5• Fruição: refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais.

6• Reflexão: refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruções, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor.

A referência a essas dimensões busca facilitar o processo de ensino e aprendizagem em Arte, integrando os conhecimentos do componente curricular. Uma vez que os conhecimentos e as experiências artísticas são constituídos por materialidades verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras, é importante levar em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva. (...)

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuantes e espectadores.

O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção. (p. 194, 195 e 196, BNCC)

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE ARTE PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.

8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes. (p. 198, BNCC)

Linguagens – Arte Ensino Fundamental

Habilidades (séries finais) – Contextos e práticas

(EF69AR24) Reconhecer e apreciar artistas e grupos de teatro brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas, investigando os modos de criação, produção, divulgação, circulação e organização da atuação profissional em teatro.

(EF69AR26) Explorar diferentes elementos envolvidos na composição dos acontecimentos cênicos (figurinos, adereços, cenário, iluminação e sonoplastia) e reconhecer seus vocabulários.

(EF69AR27) Pesquisar e criar formas de dramaturgias e espaços cênicos para o acontecimento teatral, em diálogo com o teatro contemporâneo.

(EF69AR28) Investigar e experimentar diferentes funções teatrais e discutir os limites e desafios do trabalho artístico coletivo e colaborativo.

(EF69AR29) Experimentar a gestualidade e as construções corporais e vocais de maneira imaginativa na improvisação teatral e no jogo cênico.

(EF69AR30) Compor improvisações e acontecimentos cênicos com base em textos dramáticos ou outros estímulos (música, imagens, objetos etc.), caracterizando personagens (com figurinos e adereços), cenário, iluminação e sonoplastia e considerando a relação com o espectador.”

(p. 209, BNCC)

6.5 Justificativa

A arte, no caso as Artes Cênicas, ocupa a função do social na escola. No contexto de escola pública de periferia este pode ser um espaço importante para racionalizar as vivências pessoais, debater sobre demandas políticas, da comunidade, por exemplo, e produzir artisticamente dando espaço para voz criticista de cada estudante.

6.6 Metodologia

As aulas serão dadas na sala de artes da escola, ou em espaço alternativo, utilizando músicas, vídeos, pesquisas, objetos pessoais, elaboração de encenação, registros do processo em diários de bordo individuais e registro da evolução de cada estudante quanto ao processo. O roteiro de apresentação será definido de acordo com a resposta da turma aos exercícios.

6.7 Avaliação:

- Diário de bordo, elaborado a partir de orientação para narrativa do dia (presença e participação): 50% de aproveitamento.
- Processo de espaço íntimo e cena individual: 25% de aproveitamento.
- Processo de trabalho com o coletivo: 25% de aproveitamento.

6.8 Observação para a equipe escolar

Questões graves, como violências e abusos, serão registradas e encaminhadas à direção da escola para que sejam tomadas medidas cabíveis e necessárias. Antes do início do projeto será entregue aos estudantes uma autorização por direito de imagem para registro de pesquisa, e com informe que os depoimentos escritos serão publicados anonimamente. A participação no projeto será permitida única e exclusivamente mediante autorização dos responsáveis legais. As autorizações serão recolhidas e conferidas pela própria escola, que repassará a mesma para a professora responsável pelo projeto.

7 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise memorial com viés performativo, uma reflexão sobre a importância de romper o silêncio e dificuldades encontradas por mulheres sobreviventes de violências estruturais, além disso, este trabalho permitiu também a utilização de diferentes recursos de pesquisa e avaliar como eles podem fundamentar a ação performativa, em âmbito escolar ou artístico.

De modo geral, sobreviventes comunicativas ainda são rotuladas como “loucas”, “exageradas” ou “dramáticas”, por exemplo, o que reforça a necessidade de escuta dessas falas. Sendo necessário compreender que a condição de silêncio não é uma mera “escolha”. Por vivermos em uma sociedade patriarcal, racista e capitalista somos condicionadas a agir de determinadas maneiras, possuir determinadas preferências desde a primeira infância. Onde, uma escolha inteiramente livre seria fruto de um longo e profundo exercício de conscientização, e análise, especialmente se a escolha feita apetercer grupos detentores de poder. Logo, a liberdade de escolha feminina pode ser, além de questionada, compreendida como uma falácia pautada em beneficiar homens. Em lugar de liberdade e autonomia sobre nós mesmas, seguimos reféns de uma cultura onde fazemos de tudo por aprovação masculina. Está dada nossa nudez de exportação, nossa sexualidade exposta em todos os meios de comunicação, cultura, esporte e lazer, que nos vulnerabiliza e diz que a culpa foi nossa, porque a “escolha” de ser e estar desta ou daquela maneira foi nossa. Na qual a vítima sofre escrutínio público em detrimento do algoz. Os estigmas gerados ao redor da mulher que rompe o silêncio e narra sua experiência publicamente estendem seus reflexos não exclusivamente sobre a própria mulher, mas também sobre as vítimas que se calam por medo da reação popular, da violência institucional e pela falta de suporte necessário.

Para maior alcance de reflexão, apresentou-se possível repensar estereótipos reproduzidos no teatro (que ressoam como representatividade negativa para romantização das opressões sofridas) utilizando narrativas femininas desde o ensino básico, com auxílio de um plano de curso que abre espaço para meninas usarem sua voz. E em relação a mulheres adultas, através de uma *performance do incômodo*, cujo conceito é apresentado na página 28.

A análise memorial foi utilizada como demonstrativo sobre vulnerabilidades que uma criança do sexo feminino está exposta desde a primeira infância, pautando os abalos emocionais

sofridos pela autora durante o rito do curso superior e utilizando dados sobre violências contra mulheres no Brasil para comprovar que este está longe de ser um caso isolado. Logo, se faz necessário compartilhamento de narrativas para que o encasulamento de vítimas seja rompido, sendo o teatro uma linguagem com potência de alcance e reverberação sobre tal realidade.

O desejo da autora é habilitar-se para trabalhar artisticamente com mulheres e crianças sobreviventes de violências. Portanto, diante dos resultados, em um estudo posterior torna-se possível confrontar o material apresentado com outras narrativas de sobreviventes por justiça (legal e social). Além de levar o tema adaptado para o teatro infantil por uma educação sensível não violenta e estudar relações entre mulheres que vivem distante dos papéis sociais ocidentais, como as indígenas. Unir as pesquisas propostas para o futuro em uma única análise pode ser uma mostra de potencial social evolutivo positivo, mesmo que ainda não estabelecido como nova estrutura.

Nesse sentido, a utilização da licença poética em linguagens teatrais perante diferentes ambientes permite que meninas e mulheres narrem violências sofridas e proponham reflexões, sem necessidade de estar em situação de exposição. Motivando-as a romper os silêncios estruturalmente impostos e contribuindo para uma tomada de espaço efetiva.

É importante que nos ouçam porque no ecoar da voz de cada mulher se concentra o poder de mudar o rumo da história.

8 BIBLIOGRAFIA

CALDEIRA, Solange. A construção poética de Pina Bausch. 118 – Revista Poesis, n 16, p.118-131. Dezembro de 2010.

BATISTON, Cris. Estou Só. Música 07. Ministério Filhos do Homem. Álbum Adoração ao Vivo. Curitiba. 2005.

DWORKIN, Andrea. Eu quero uma trégua de 24 horas sem estupro. Discurso feito na *Midwest Regional Conference of the National Organization for Changing Man* (tradução livre: Conferência Regional do Meio-Oeste da Organização Nacional para Homens em Mudança). *St Paul, Minnesota*. 1983.

DWORKIN, Andrea. *Woman Hating* (tradução livre: Odiando Mulheres). Manifesto. Editora: *A Plume Book*. Publicado por *Penguin Group*. Nova York, Estados Unidos. 1974.

GIRARDELLO, Gilka. Baús e chaves da narração de histórias / organização Gilka Girardello. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

LEITE, Luiza Barreto. A mulher no teatro brasileiro. Artigo. Edições Espetáculo p. 11-36. Rio de Janeiro – 1965.

HOOKS, Bell; Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática da Liberdade. Tradução: Marcello Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda., 1ª edição, 2013.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Performance artística e espaços de fogo cruzado. Artigo. Espaço e performance. Organizadoras: Maria Beatriz de Medeiros e Marianna Francisca Martins Monteiro. Brasília: Editora da Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. Contar Histórias e Tradição Indígena. Em MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia e MORAES, Taiza, Mara Rauen (organizadores). Contar Histórias: uns passarão e outros passarinhos. Joinville, SC: Editora Univille, 2015.

PEIRANO, Mariza. “Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e performance”. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Artigo, 2006.

TURNER, Victor W.. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Tradução de Nanci Campi de Castro. Petrópolis, Editora Vozes LTDA. 1974.

AGGREY, James. A fábula da águia e da galinha. Educação Popular, Gana, África Ocidental. Início do século XX. Citada por Leonardo Boff. Especial para Jornal Folha de São Paulo. São Paulo, domingo, 06 de abril de 1997. <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs060432.htm>> Acesso em 06 de junho de 2019.

ARTEVERSA – Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência (Faculdade de Educação/UFRGS/CNPq). Marina Abramovic – A arte de desafiar os próprios limites. Publicado em 14/04/2015. <<https://www.ufrgs.br/artevera/?p=134>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

BERGAMO, Carolina. 23% das vítimas de estupro sofrem estresse pós-traumático. Revista Saúde, Editora Abril. Publicado em 30/05/2016 – 15h59min. <<https://saude.abril.com.br/bem-estar/23-das-vitimas-de-estupro-sofrem-estresse-pos-traumatico/>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

CANTIGA POPULAR. Se essa rua fosse minha. Voz e violão: Isadora Canto. Publicado em 30 de outubro de 2017. <<https://www.youtube.com/watch?v=oCGJgHI-2vM>> Acesso em: 13 de maio de 2019.

FLACSO Brasil, Mapa da Violência. <<https://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

JUSTIFICANDO – Mentas inquietas pensam direito. Sexta-feira, 08 de junho de 2018. <<http://www.justificando.com/2018/06/08/violencia-domestica-saiba-onde-e-como-denunciar/>> Acesso em 06 de junho de 2019.

LOCOMOTIVA, Pesquisa & Estratégia. <<https://www.ilocomotiva.com.br/>> Acesso em 06 de junho de 2019.

NITAHARA, Akemi. Atlas da Violência: 50% das vítimas de estupro têm até 13 anos. EBC (Empresa Brasil de Comunicação). Publicado em 06/06/2018 – 15h49min. <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/atlas-da-violencia-2018-50-das-vitimas-de-estupro-tinham-ate-13-anos>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

MORISAWA, Mariane. ENTREVISTA / MARINA ABRAMOVIC. Revista Marie Claire. Publicado em 24/10/2012. <<http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,ERT320194-17735,00.html>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

ORESTES, Natacha. Instagram Brasil Contra SAP (síndrome da alienação parental) @brasilcontrasap. Produção Independente. São Paulo, SP. Plataforma ativa. Publicação em 2019. Publicado em 06/06/2015 <<https://www.instagram.com/p/ByXuc9onSIT/>> Acesso em 06 de junho de 2019.

Secretaria de Políticas para as Mulheres. Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres – Presidência da República. Brasília, Brasil, Publicado em 2011. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

SOARES, Nana. EM NÚMEROS: A violência contra a mulher brasileira. Estadão. 07/09/2017, Publicado em 11 h 57 min. <<https://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/em-numeros-a-violencia-contra-a-mulher-brasileira/>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

SUDRÉ, Lu. COCOLO, Ana Cristina. Brasil é o 5º país que mais mata mulheres. Edição 07. UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo). Publicado em novembro de 2016. <<http://www.unifesp.br/edicao-atual-entreteses/item/2589-brasil-e-o-5-pais-que-mais-mata-mulheres>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

Universidade de Brasília. Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (CESPE) 1.ª Certificação de Habilidade Específica de 2008. Edital n.º 5 – 1.ª HE/2008, DE 30 de abril de 2008. <http://www.cespe.unb.br/vestibular/1HE2008/arquivos/ED_5_2008_1A_HE_2008_RES_AP_OS_REVISAO.PDF> Acesso em 06 de junho de 2019.

Violência Contra a Mulher. Pesquisa Instituto Avon/Data Popular. Brasil. 2016. <http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf> Acesso em 06 de junho de 2019.

9.1 Sequência Didática – Plano de Aula 01

Duração

2 horas

Objetivo

Diagnosticar o estado inicial de cada estudante em relação ao conhecimento da linguagem teatral.

Metodologia

A. (10') Apresentação da estagiária traçando, brevemente, trajetória pessoal-artística, nomear violências sofridas, como ponto de partida para escolha do projeto a ser desenvolvido

B. (30') Apresentação do projeto de pesquisa performance: *slides* com trechos de performances, documentários, registros e entrevistas de Marina Abramovic, construção de cena de Pina Bausch, a prática transgressora de Bell Hooks e dados da violência contra mulheres. A culminância do projeto performance se chamará “Se Essa Rua Fosse Minha”. Diante das problemáticas debatidas, se essa rua fosse sua quais caminhos você pavimentaria? Quais pedras destruiria? São andanças pessoais, individuais, em estradas familiares, afetivas, amorosas, acadêmicas, financeiras, políticas... O fio condutor em meio ao caos urbano estudantil periférico será a cantiga popular “Se essa rua fosse minha”. Se essa rua fosse sua, o que você faria?

C. (50') Apresentação dos participantes: Todos dirão seus nomes, idade, escolaridade, principais referências culturais e o que esperam do projeto.

Em roda, para memorização dos nomes, cada um dirá seu nome e fará um gesto, o grupo repetirá. Cada um deverá dizer os nomes com gestos dos participantes anteriores, e o seu nome com gesto, em ordem. Quando a rodada terminar será feita uma nova rodada em sentido contrário.

Ainda em roda: cantar a cantiga popular “Se essa rua fosse minha”. Informar que a cantiga será cantada em todos os encontros, pedir que cantem em casa para decorarem.

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão

individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento, redigir o percurso do dia.

Segundo momento: ditado de questões que guiarão à uma escrita narrativa. *Como foi para você participar do exercício “Memória e Ação”? O que sentiu? Você já conhecia o grupo? Como se sente em relação ao grupo? Você sentiu alguma dificuldade em memorizar os nomes e executar gestualidade ao mesmo tempo? A sensação na sua vez foi diferente de fazer junto com o grupo? Explique. Você sente alguma dor no seu corpo? Tem algum problema de saúde, quais?*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Todos se apresentaram? Alguém ficou com vergonha? Já existe interação entre os estudantes? Algum estudante não é inserido no grupo, caso eles já se conheçam?

Os estudantes conseguiram realizar o exercício de memorização de nomes e movimentação? Houve alguma dificuldade? Em caso positivo, o que foi percebido?

Observar os estados corporais neste momento inicial, onde nenhuma instrução sobre a colocação no corpo no espaço foi dada.

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.2 Sequência Didática – Plano de Aula 02

Duração

2 horas

Objetivo

Apresentar aos estudantes noções cênicas básicas, para o início dos trabalhos.

Metodologia

A) (05’) Recordar o encontro anterior. *No encontro anterior nos apresentamos para os nossos colegas, como vocês se sentiram? O exercício de memorização de nomes e gestos foi*

difícil? Nós vamos continuar trabalhando a nossa memória e aprenderemos alguns conceitos básicos do teatro.

B) (20') Alongamento, guiado pelos próprios estudantes, observar seus repertórios de movimentos e suas possibilidades corporais. Dependendo da necessidade, interferência da professora no momento final para acrescentar algum movimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

C) (20') *Em primeiro lugar vamos aprender sobre como colocar os “pés paralelos”, orientar que juntem os pés, ossinho com ossinho, dedão com dedão, em seguida afastar os peitos dos pés com os calcanhares ainda unidos formando a letra “v”, depois manter o peito do pé no mesmo lugar e afastar os calcanhares de modo que os pés fiquem virados para frente e paralelos em ralação ao quadril. O segundo exercício básico se chama “coloca fralda e tira camiseta”, coloquem uma das mãos na parte frontal e outra na parte posterior da pélvis (quatro dedos abaixo do umbigo e um pouco acima do cóccix), posicionem a pélvis para frente e em seguida vamos fazer o gesto de tirar a camiseta. Nosso terceiro exercício é o “balanço sentado”, vamos sentar-nos em roda, com as pernas cruzadas, em cima das palmas das mãos, agora balancem o corpo de um lado para o outro, vamos sentir nas mãos um osso chamado ísquios, estão sentindo? Pode “espetar” um pouco a mão. É o que podemos chamar de “ossos de sentar”, para sentir melhor o osso, vamos levantar a musculatura das nádegas e fazer novamente o balancinho de um lado para o outro, não precisa ter vergonha, todos temos ossos, todos temos músculos, toda vez que sentarmos em roda a partir de agora vamos repetir o gesto de levantar e musculatura até que nos acostumemos a sentar desta maneira, até que o ato deixe de ser mecânico para se tornar mecânico. Em quarto lugar vamos aprender sobre “padronização da posição das mãos” ao segurar as mãos dos colegas, a palma da mão esquerda virada para cima e palma da mão direita virada para baixo, para que não existam conflitos nos momentos dos exercícios e todos tenham as mesmas posições. Em quinto e último lugar, geralmente quando as aulas, os ensaios de teatro terminam nós batemos palmas, as “palmas coletivas” indicam também respeito pelo trabalho realizado, uma espécie de reverência pelo momento vivido.*

D) (05') Exercício “caminhar pelo espaço”. *O espaço é o espaço físico onde os estudantes estamos, imaginem que estão em um barco simples em alto mar, a única coisa que impede que vocês afundem é o lugar onde estão dentro do barco. Conduzir todos a um extremo do espaço e perguntar “se todos estivermos deste lado do barco o que vai acontecer?”, provavelmente a resposta será “o barco irá virar e vamos afundar”, conduzi-los algumas vezes*

em alguns extremos e repetir a pergunta. *Ao caminharem pelo espaço tenham sempre a noção de ocupar espaços vazios e por mais que você esteja indo para um lugar, se aquele lugar ficar cheio antes de você chegar é preciso que mude a direção para preencher espaço vazio. Ter foco é muito importante enquanto caminhamos pelo espaço: foco é um ponto ao qual se converge, ou seja, na altura do horizonte você vai definir mentalmente um ponto para onde ir, ao chegar no lugar almejado você vai definir outro foco, se tiver alguém no lugar outrora definido, mude de foco imediatamente. Ao caminhar pelo espaço você pode receber o comando de explorar os “planos alto, médio e baixo”, em pé, de cócoras e no chão, respectivamente.*

E) (30’) Após o exercício anterior orientá-los a permanecer em silêncio para caminhar pelo espaço, enquanto caminham dar algumas orientações: *definam um ponto da sala, o seu foco e caminhem até ele, ao chegar no seu objetivo trace outro objetivo e se encaminhe até ele.* Após alguns minutos orientar que *olhem nos olhos uns dos outros enquanto caminham.* O próximo comando será que se cumprimentem sem pressa quando passarem uns pelos outros, para que se percebam. Agora ao passar por alguém irão se apresentar. O próximo passo será “congelar” ao som da palma explicar que eles devem parar exatamente no jeito que estiverem no momento da palma, sem mudar de posição, ao som da quarta palma pedir que descongelem e sem sair do lugar que olhem ao redor para observar onde estão os espaços vazios. *Existem espaços vazios? Se realoquem para preencher o espaço de maneira uniforme.* Caminhar novamente prestando atenção ao espaço, bater palma, ao congelar observar o espaço e se realocar por três vezes. Com as repetições os estudantes começarão a ter escuta do espaço em que encontram e do grupo. *Agora, de acordo com o comando, vocês serão a “sombra” do colega com característica citada, exemplo “sejam a sombra de quem está usando elástico nos cabelos”.*

Avaliação

(30’) Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento, redigir o percurso do dia.

Segundo momento: ditado de questões que guiarão à uma escrita narrativa. *Como foi para você realizar os exercícios de colocação corporal? Você se sentiu constrangido? Pode citar o momento em que se sentiu constrangido? Identifica alguma causa externa que pode ter*

relação com as sensações que teve? Sobre caminhar pelo espaço, como foi para você? Escreva sobre cada momento pontualmente.

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Como foi o alongamento? Houve autonomia por parte dos estudantes em guiar o momento? Quem tomou a frente? Foi necessária intervenção?

Alguém ficou visivelmente com vergonha? Todos compreenderam os termos básicos? Seguiram as instruções ao caminhar pelo espaço?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.3 Sequência Didática – Plano de Aula 03

Duração

2 horas

Objetivo

Apresentar aos estudantes exercícios básicos para o início dos trabalhos e verificar como se sentiram ao realizá-los.

Metodologia

A. (05') Recordar o encontro anterior. *No encontro anterior aprendemos alguns conceitos básicos de teatro, pés paralelos, postura, como se sentar, caminhar pelo espaço, dar as mãos, a nos despedir e a nos observar. Hoje, vamos usar o que aprendemos para ampliar a escuta, perceber não só o espaço, mas os nossos companheiros e nós mesmos dentro do processo. É importante que estejam atentos a todas as sensações. E não menos importante, que respeitem seus companheiros de cena, espaço, corpo, individualidade, orientações, convicções, crenças, etnia... Tudo!*

B. (10') Aquecimento com cantiga popular “como é que sua mãe lava a saia”. Dispostos em roda os participantes cantarão a seguinte cantiga “Ô, Fulana(o), me diz como é, como é que sua mãe lava a saia! Ô, Fulana(o), me diz como é, como é que sua mãe lava a saia!”, que demonstrando no centro da roda vai responder “a minha mãe lava a saia assim, assim,

assim, assim” e junto com a turma vai cantar repetindo o gesto “a mãe dela(e) lava a saia assim, assim, assim, assim! a mãe dela(e) lava a saia assim, assim, assim, assim!”. Todos deverão passar pelo exercício, começando pela professora.

C. (05’) Exercício “Zip-zap”. *Formem uma roda. Esse é um jogo de passar um movimento e um som entre as pessoas da roda. Para passar movimento (uma palma em seta) para quem estiver exatamente em um dos seus lados, digam: ZIP, para passar movimento (uma palma em seta) para frente, digam: ZAP. Para devolver movimento para a pessoa que te mandou você vai fazer uma onda com o corpo, como se fosse uma gelatina e dizer: TONHONHÓIM. Quem for errando irá sentar-se no centro da roda.*

D. (05’) Exercício “Zip-Zap ninja”. Ainda em roda, o dono do movimento vai levantar as mãos para cima e emitir algum som como “iá!”, imediatamente os dois colegas que estão ao seu lado irão defender quem está com o movimento com um movimento de espada (os braços apontarão para a lateral do corpo do colega fazendo alusão à um movimento ninja, emitindo algum som semelhante a “iá!”) em cada lateral do corpo da pessoa em questão e assim sucessivamente. Quem for perdendo vai sentando-se ao centro da roda.

E. (05’) Exercício “mata mosquito”. Em roda, um participante se abaixará enquanto os participantes ao seu lado estarão um de frente para o outro, batendo uma palma, no gesto de matar mosquito (os três deverão agir ao mesmo tempo), em sentido horário, o participante que representou o mosquito vai matar o mosquito, e assim sucessivamente. Gradualmente mais trios receberão o mesmo comando, até que existam focos simultâneos.

F. (05’) Exercício “Zip-Zap com objetos”. Um estudante será o “pião” ao centro da roda, ele deverá jogar um objeto para seus colegas sem deixar cair no chão, quando o objeto quem jogou e o então pião trocarão de lugar. O nível de dificuldade aumentará gradativamente com o acréscimo de mais objetos, em diferentes pontos da roda, o pião deverá estar atento para receber e jogar os mesmos em ordem.

G. (15’) Exercício “Super confiança”. Um grupo de aproximadamente 08 participantes, divididos entre meninos e meninas serão posicionados unidos (“num bolo”), enquanto um dos alunos vai correr em direção ao grupo e num impulso durante a corrida (sem parar) vai se lançar sobre o grupo, que erguerá a(o) colega em posição de super-herói. É um exercício importantíssimo para autoconfiança e confiança na turma.

H. (10’) Exercício “Escravos de Jó”. Em roda vocês vão cantar a cantiga “Escravos de Jó”, do micro para o macro. Velocidade lenta e música cantada em *bocca chiusa*, ambas aumentarão gradativamente até estarem em emissão vocal e movimentação máximos.

I. (05') "Alongamento para costas": um de cada vez deverá deitar no chão, o tronco vai ficar imóvel enquanto quadril e pernas giram para esquerda, para direita, o corpo voltará à posição inicial, pélvis e pernas serão movimentadas para trás (até o limite de cada um, o ideal é que os pés toquem o chão), este movimento dará impulsão para que se coloquem de pé, de uma vez.

J. (10') Exercício "Amigo x inimigo". *Este exercício de hoje é uma espécie de pique pega, onde vocês vão treinar foco. Mentalmente, cada um vai escolher um "inimigo" e um "amigo". O "amigo" será um escudo que deve ficar entre você e seu "inimigo".* Deixar que corram por meio minuto, pausar, perguntar a cada um onde está o seu amigo e o seu inimigo, se estiver desprotegido será eliminado do jogo, pedir que sente. Após o exemplo orientar que retornem ao jogo. *Agora vocês têm mais uma orientação, se perceberem alguém atrás de vocês fujam. Não deixem ninguém os perseguir, (se alguém o persegue, provavelmente você é amigo dessa pessoa, mas o objetivo do exercício é exercitar a visão periférica e a percepção de si mesmo em relação aos colegas no jogo, explicar o que é visão periférica após o jogo).* Aos 09 minutos pausar o jogo, perguntar quem era o amigo e o inimigo, e quem imagina que o estava perseguindo, verificar com essa(s) pessoa(s) se a percepção estava correta ao falar sobre suas escolhas e sensações também, assim por diante.

K. (10') Exercício "Me larga, me solta, me deixa". *Se dividam em duplas, de preferência com pessoas que não tem muito contato, é importante que em algum momento todos tenhamos feito exercícios com todos. Se posicionem um atrás do outro, quem está atrás vai segurar em um dos ombros da pessoa que está na frente, que por sua vez vai se desvencilhar com a mão contrária, dizendo o primeiro comando da frase (me larga), quando um ombro estiver livre, imediatamente o outro será segurado, então quem está na frente vai se desvencilhar do mesmo modo usando o próximo comando (me solta) e assim por diante. Tenham tônus! A velocidade vai aumentar de acordo com orientação (mais rápido, mais rápido), cada um vai exercer uma das funções por 10 minutos.*

L. (05') Exercício "dança abraço": *lentamente, com respeito, vocês vão se aproximar e no lugar onde estão dançarão até a música acabar. Devagar vocês vão se afastar, dizer características positivas sobre a personalidade da(o) colega e palavras de incentivo.* (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: ditado de questões que guiarão à uma escrita narrativa. *Acha que o alongamento de hoje foi eficaz? Tem alguma sequência para sugerir?*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Como foi o alongamento? Houve autonomia por parte dos estudantes em guiar o momento? Quem tomou a frente? Foi necessária intervenção?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.4 Sequência Didática – Plano de Aula 04

Duração

2 horas

Objetivo

Realizar exercícios de empatia que iniciarão o processo de confiança entre os integrantes do grupo para o compartilhamento de seus memoriais posteriormente.

Metodologia

A) (05') Recordar o encontro anterior. *No encontro anterior aprendemos algo muito importante dentro do teatro, a noção de grupo. Nós somos um organismo e para um bom funcionamento precisamos de todos os membros ativos. Os exercícios vistos nos derem noção de jogo de cena e confiança. Para que as personagens consigam dialogar no momento da apresentação é preciso que os atores se percebam, sejam empáticos uns com os outros. A rua que vamos ladrilhar hoje é um pouco maior, para a travessia acontecer precisamos estar de mãos dadas!*

B) (15') Alongamento, guiado pelos próprios estudantes, observar seus repertórios de movimentos e suas possibilidades corporais. Dependendo da necessidade, interferência da

professora no momento final para acrescentar algum movimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

C) (10') Exercício “ao próximo como a mim”, de empatia. Primeiro momento: haverá dois grupos pedaços de papéis, “angústia” e “conforto”, no grupo da “angústia” cada estudante escreverá anonimamente uma angústia, real ou fictícia, no grupo “conforto” cada um escreverá uma frase de conforto, também de maneira anônima. Segundo momento: dispostos em roda, em sorteio cada um pegará um papel de cada grupo, os papéis de “angústia” serão lidos, quem se identificar dará um passo à frente, frases de conforto deverão ser lidas de acordo com a angústia apresentada.

D) (60') Exercício “encontros e despedidas”: caminhar pelo espaço, pedir que ao encontrem olhares, parem diante do olhar encontrado por alguns segundos sem pressa, para seguir a caminhada, por 05 minutos, após a orientação colocar a trilha sonora de Amelie Poulain, alguns encontros depois orientar que se abracem no que será o último encontro. O exercício abraçar terá duração de 30 minutos, os estudantes não terão noção de tempo, inicialmente poderão sentir vergonha, depois desconforto, algumas dores, até que a exaustão culmine no encontro da vivência do aqui-agora. Ao sinal, se afastarão lentamente ficando a aproximadamente um palmo de distância do outro, se olhando nos olhos por 05 minutos. Será acrescentado o exercício “eu te amo”, o momento anterior continua enquanto uma dupla por vez receberá instrução de maneira individual, a instrução será a mesma, um deverá dizer ao outro que o ama, e reagirá ao deslocamento espacial do parceiro guiado pela professora, o receptor do exercício poderá ser colocado de costas, de lado, em distâncias diferentes, cada um exercerá um dos papéis por 10 minutos, somando 20 minutos. Em silêncio a professora guiará o próximo momento, com duração de 05 minutos, segurando nas mãos de cada um, caminhando pelo espaço, formando um organismo, até que todos estejam em roda, a professora se colocará em frente a um deles olhando nos olhos, a professora ficará em frente ao próximo estudante e com um gesto de estalar os dedos orientará o aluno que estava antes dela para ficar em frente ao colega, assim por diante, de maneira cíclica a roda estará em movimento, até que o ciclo se encerre e todos estejam em roda novamente, de mãos dadas a roda vai se aproximar até que não haja mais espaço e cantarão a cantiga “Se essa rua fosse minha”, abrir a roda aos poucos indicando o fim do exercício.

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão

individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento, redigir o percurso do dia.

Segundo momento: ditado de questões que guiarão à uma escrita narrativa. *Como você está se sentindo? Os exercícios te trouxeram lembranças? Você pode escrever sobre essas experiências? Como foi compartilhar esses momentos com o grupo? Você sentiu acolhimento? Se sentiu só? Trace uma linha cronológica da sua experiência no encontro de hoje.*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Como foi o alongamento? Houve autonomia por parte dos estudantes em guiar o momento? Quem tomou a frente? Foi necessária intervenção?

Como foi observar? Quais foram suas sensações enquanto educadora ao perceber as angústias e a prontidão do agir para o conforto? Quais foram as expressões dos estudantes, eles se olharam, ficaram cabisbaixos? Como foi participar do momento olhos nos olhos e orientar o processo inserida no mesmo? Eles te olharam nos olhos? Quais diferenças dos estados corporais deles no início e ao final do encontro?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.5 Sequência Didática – Plano de Aula 05

Duração

2 horas

Objetivo

Realizar exercício de criação de cena em grupo sobre preconceitos como primeira experiência para elaboração de cenas.

Metodologia

A) (05') Recordar o encontro anterior. *No encontro anterior realizamos alguns exercícios sobre relações, no teatro nós nos relacionamos o tempo inteiro, com nossos colegas de cena, com o público, com a produção, com os encenadores, com a direção, com o espaço em que estamos. Com essa consciência podemos ter uma certeza, que uma apresentação nunca*

será igual à outra. Embasados em tudo que vimos até agora, hoje vamos ter a primeira experiência de construção de cena.

B) (20') Alongamento, guiado pelos próprios estudantes, observar seus repertórios de movimentos e suas possibilidades corporais. Dependendo da necessidade, interferência da professora no momento final para acrescentar algum movimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

A) (45') Exercício “improvisado em grupo”, a turma será dividida em três grupos, terão 30 minutos para se organizar e 05 minutos para apresentar. *Em grupo vocês vão criar uma cena sobre alguma violência cotidiana, pode ser violência contra mulheres, homofobia, racismo... Vocês vão escolher, definam a disposição como vão se apresentar, é só um roteiro básico, tenham em mente o local onde a situação acontece, quando ela acontece, quem são as personagens, qual é o conflito, o início, o meio e o fim da história. Se quiserem, usem elementos pessoais ou encontrados no ambiente escolar. Uma dica importante: durante a apresentação lembrem de não ficar de costas para o público.*

B) (20') A professora irá comentar e dirigir as cenas curtas, dialogará com os estudantes para que juntos percebam possibilidades despercebidas.

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: ditado de questões que guiarão à uma escrita narrativa. *Acha que o alongamento de hoje foi eficaz? Sentiu ou está sentindo dor? Como foi a reunião do seu grupo? A apresentação aconteceu como planejada? Todos se ouviram? Alguém foi excluído? Quais foram as observações da professora? Como a cena ficou após a direção? Sobre os temas, você já pensou, sofreu ou viu algum deles de perto? Poderia descrever sua experiência?*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Como foi o alongamento? Houve autonomia por parte dos estudantes em guiar o momento? Quem tomou a frente? Foi necessária intervenção?

A partir das cenas elaboradas, quais são as observações possíveis sobre a evolução da turma? Como cada grupo lidou com a temática abordada? Os estudantes estão prontos para a elaboração de cenas individuais? Algum caso com necessidade de intervenção foi detectado? Caso a resposta seja positiva, especifique o diagnóstico e o encaminhamento.

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.6 Sequência Didática – Plano de Aula 06

Duração

2 horas

Objetivo

Elaborar com os estudantes um ritual de aquecimento poético que será repetido no início de todos os ensaios iniciados a partir da 7ª aula. Pretende-se ser a primeira cena da culminância “Se essa rua fosse minha”.

Metodologia

A. (05’) Recordar o encontro anterior. *No encontro anterior realizamos um exercício de criação de cena. Até a aula passada tivemos um encontro de apresentação e quatro encontros de oficina, nós fizemos exercícios e nos preparamos para este segundo momento do projeto, que é o de criação de cenas. Hoje criaremos um ritual poético de alongamento e aquecimento, que será repetido todo início de ensaio. Usaremos alguns dos movimentos que fizemos durante os alongamentos colaborativos.*

B. (30’) Primeira parte, sequência de aquecimento: limpeza do espaço. Movimentos e ações repetidas de limpar o espaço que culminarão em uma cena de dança-teatro.

C. (30’) Segunda parte, sequência de alongamento: lembrando dos alongamentos, exercícios e jogos realizados até então.

D. (05’) Terceira parte, oração do teatro: *segura sua mão na minha, que eu seguro a minha mão na sua, para que juntos possamos fazer aquilo que não quero, não posso e não consigo fazer sozinha(o).*

E. (20’) Repassar a cena completa (passível a alterações futuras).

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

Segundo momento: ditado de questões que guiarão à uma escrita narrativa. *A cena ficou pronta? Qual foi sua sensação ao ver a apresentação começar a ganhar forma? Como foi participar de cada momento de criação? Você se sentiu ouvida(o)? Descreva sua vivência no encontro de hoje.*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Como a turma se portou diante do primeiro momento do processo criativo? Todos participaram? Até o momento houve alguma desistência? A cena ficou pronta? Acredita que alterações serão necessárias?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.7 Sequência Didática – Plano de Aula 07

Duração

2 horas

Objetivo

Orientar início de criação de cenas individuais com perguntas sobre angústias pessoais e exemplo pessoal da professora.

Metodologia

A. (05') Recordar a aula anterior. *No último encontro tivemos nossa primeira criação com toda a turma, iniciamos o processo colaborativo do projeto. A partir de hoje teremos quatro encontros para a criação de cenas individuais, ensaios e colagem de cenas.*

B. (20') Ritual poético de alongamento e aquecimento criado na aula passada. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

C. (60') *Responda algumas perguntas básicas para o orientar seu processo criativo: “onde é? Quando é? Quem é a personagem? Qual é o conflito?”. Como a situação se desenvolveu? Se você pudesse, o que faria para resolver o problema em questão? Pense sobre o que quer apresentar e o que vai utilizar, entre músicas e objetos, anote tudo. Sua cena deverá ter em média 03 minutos.*

O que te angustia? Sobre o que você gostaria de falar, mas se sente silenciada(o) pela sociedade? Você sofre alguma opressão ou existe algum tema que te incomode um pouco mais? Pense em uma situação e crie uma cena curta falando sobre ela. Você pode usar figuras de linguagem, por exemplo, quando fiz esse exercício em 2009, eu havia passado por algumas situações que me machucaram bastante, mas eu não podia falar sobre, o que me trazia muita angústia, como tenho asma coloquei uma bombinha no chão da sala, do lado oposto onde eu estava, fiz uma caminhada em câmera lenta até alcançar a bombinha, tossindo, quando a peguei, usei e completei a caminhada. A cena não ficou daquele jeito, fui dirigida pela professora Soraia, da UnB, a bombinha foi substituída por uma máscara de mergulho, usei roupa preta, na minha saia existiam algumas pontas que acentuavam o movimento e eu tinha várias fitas pretas amarradas ao corpo, de alguns metros, que poderiam simbolizar tanto o que me angustiava, as amarras que me possuíam quanto o movimento das algas no mar. Este é um espaço onde você tem voz, use esse espaço, ninguém precisa saber a motivação para sua cena. No início do projeto vimos uma apresentação que falava sobre os índices de violência contra a mulher, sua criação pode estar inserida nesse tema, com um toque pessoal. Do que você sente falta? Gostaria de brincar mais? Gostaria de não sentir medo ao sair na rua por ser menina? É a sua condição financeira que te entristece? É o racismo? Se você pudesse fazer ou falar algo, o que seria? Lembre-se, sua cena deverá ter 03 minutos.

D. (05') Comunicado final: tragam seus objetos de cena para apresentarem no encontro que vem.

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: ditado de questões que guiarão à uma escrita narrativa. *Escreva sobre sua experiência individual de criação. Como o exemplo dado pela professora te ajudou? Você conseguiu estipular o tema da sua cena de acordo com a orientação de pensar em algo que te angustia, mas você normalmente não pode falar sobre?*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Houve orientação para criação de cenas individuais para culminância do projeto?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.8 Sequência Didática – Plano de Aula 08

Duração

2 horas

Objetivo

Assistir as cenas e iniciar a direção individualmente.

Metodologia

A. (05') Recordar a aula anterior. No encontro anterior iniciamos nosso processo criativo individual, hoje assistiremos todas as cenas e eu os dirigirei individualmente, enquanto o restante da turma continua ensaiando.

B. (20') Ritual poético de alongamento e aquecimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

C. (≅ 30') Assistir as cenas em turma.

D. (≅ 35') Direção individual de cena, conversar com cada participante sobre sua proposta e iniciar a direção.

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: ditado de questões que guiarão à uma escrita narrativa. *Como foi conversar com a professora sobre o seu processo? E o momento de direção? Gostaria de acrescentar algo que não foi dito ou registrar algum incômodo?*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Todas as cenas foram assistidas? Alguma cena ficou sem direção?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.9 Sequência Didática – Plano de Aula 09

Duração

2 horas

Objetivos

Marcar as cenas de acordo com o desejo de cada estudante e formar duplas para a que um apresente sua cena ao outro.

Metodologia

A. (05') Recordar a aula anterior. *No último encontro as cenas foram apresentadas e iniciamos as direções individuais. Hoje vamos dar continuidade à direção de cenas.*

B. (20') Ritual poético de alongamento e aquecimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

C. (40') Direção de cenas, caso alguns participantes não tenham recebido direção no encontro anterior serão os primeiros.

D. (20') Caminhando pelo espaço serão orientados a formarem duplas e um mostrará seu exercício para o outro. Seguindo o comando, farão essa troca por pelo menos 03 vezes.

Avaliação

(35') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão

individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: ditado de questões que guiarão à uma escrita narrativa. *Além de redigir o percurso do dia, comente sobre a marcação da sua cena, como você deseja que fique a sua cena? Como trocar experiência de apresentação com suas(seus) colegas te ajudou? Você percebeu alguma necessidade de alteração no material que você possuía?*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Contando com a aula passada, todas as cenas foram vistas individualmente? O espaço onde a apresentação ocorrerá foi definido? As marcações foram feitas?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.10 Sequência Didática – Plano de Aula 10

Duração

2 horas

Objetivo

Observar os ensaios individuais de acordo com a semelhança de temas abordados e registrar o que foi visto.

Metodologia

A. (05') Recordar a aula anterior. *No último encontro todas as cenas foram dirigidas individualmente, alterações foram feitas e hoje será nosso último dia de ensaio individual.*

B. (20') Ritual poético de alongamento e aquecimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

C. (20') Apresentação das cenas em turma.

D. (15') Comentários e sugestões sobre as cenas individuais.

E. (30') Ensaio individual de cenas.

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: Escrita narrativa sobre a aula. *Descreva cada momento que experienciamos no encontro de hoje. Você consegue ver ligação entre o tema que você escolheu e o desenvolvimento da sua cena?*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Com o material obtido até o momento é possível seguir o cronograma e iniciar os ensaios gerais, previstos para acontecerem entre a aula 11 e a aula 14, a partir da próxima aula? Escreva sobre a evolução dos estudantes. É possível perceber melhora na autoconfiança dos estudantes?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.11 Sequência Didática – Plano de Aula 11

Duração

2 horas

Objetivos

Realizar ensaio a fim de propor quais cenas permanecerão como estão e quais estudantes criarão cena a partir dos materiais já apresentados.

Metodologia

A. (05') Recordar a aula anterior. *No último encontro terminamos os ensaios individuais e hoje teremos iniciação dos ensaios gerais. Pode ser que as cenas ensaiadas não sejam todas apresentadas, pode ser que as cenas apresentadas sejam modificadas, e tornem-se uma só de acordo com os temas, mas fiquem tranquilas(os)! Vocês farão as alterações.*

B. (20') Ritual poético de alongamento e aquecimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

C. (60') Reunir as(os) estudantes de acordo com os temas e orientá-los que criem a cena com o material que já possuem.

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: Escrita narrativa dos estudantes, baseada na sequência de atividades que fizemos. *Descreva cada momento que experienciamos no encontro de hoje. Você prestou atenção nas cenas dos seus colegas? Alguma coisa te chamou atenção e suscitou ideia(s) sobre a sua própria cena? O que você acha da ideia de unir cenas parecidas? Pergunta para ser pensada com intuito de ser aplicada no próximo encontro: gostaria que algum dos exercícios praticados estejam na apresentação? Em caso de resposta positiva, cite o exercício e explique o porquê da sua sugestão.*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Todas(os) se assistiram? Como foi a aceitação da turma sobre a criação das novas cenas? Quais exercícios foram pensados para costurar as cenas?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.12 Sequência Didática – Plano de Aula 12

Duração

2 horas

Objetivos

Criar cenas a partir da junção de cenas individuais com temas semelhantes, instigando o senso crítico, promovendo o local de fala e ampliando a escuta ao incentivar o reconhecimento da importância das auto narrativas como prática revolucionária, ao estimular o diálogo em cada grupo.

Metodologia

A. (05') Recordar a aula anterior. *No último encontro apresentamos as cenas individuais e nos reunimos por temas para elaboração de novas cenas. Hoje vamos concluir as alterações.*

B. (20') Ritual poético de alongamento e aquecimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

C. (40') Reunir grupos com temática semelhante para continuação da criação de cena em comum. Orientar que ouçam a voz umas(uns) das(os) outras(os): *como gostariam que fosse a cena? Para uma experiência agradável para todas(os) estejam abertos ao diálogo. A cena precisa estar pronta em 40 minutos.*

D. (20') Apresentação das alterações.

E. AVISO PARA OS DOIS PRÓXIMOS ENSAIOS: Trazer figurinos e objetos de cena.

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: Escrita narrativa dos estudantes, baseada na sequência de atividades que fizemos. *Descreva cada momento que experienciamos no encontro de hoje. Como você se enxerga dentro do processo de criação? Você acha que possui seu local de fala respeitado? Reconhece a importância das narrativas pessoais como exercício de democracia? Explique sua resposta.*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

O local de fala foi assegurado nas novas cenas? Houve apresentação de estereótipo? Eles estão percebendo a importância das auto narrativas como prática da liberdade? Eles reconhecem as vozes uns dos outros e suas respectivas presenças?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.13 Sequência Didática – Plano de Aula 13

Duração

2 horas

Objetivo

Mediar a percepção de cada discente sobre um estado de presença do corpo para reconhecimento de sua subjetividade, ligando vida pessoal e sala de aula de maneira crítica, como ferramenta para rompimento de opressões dentro das estruturas vigentes. É possível reivindicar espaços através da arte!

Metodologia

A. (05’) Recordar a aula anterior. *No último encontro nos reunimos por temas para elaboração de novas cenas e concluímos as alterações. Hoje ensaiaremos todo o exercício performativo por algumas vezes seguidas.*

B. (20’) Ritual poético de alongamento e aquecimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

C. (65’) Ensaio geral para a apresentação “Se essa rua fosse minha”.

Avaliação

(30’) Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: Escrita narrativa dos estudantes, baseada na sequência de atividades que fizemos. *Descreva cada momento que experenciamos no encontro de hoje. O processo de criação tem te ajudado a confiar mais em você mesma(o)? Existe alguma relação entre sua postura corporal e como se sente em relação a si? Você consegue ver ligação entre suas questões pessoais e o que está produzindo no processo de criação? Sente que é possível falar de questões importantes para a sociedade de maneira geral através de um fazer artístico? Explique, por favor.*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Os estudantes conseguem se enxergar enquanto sujeitos de transformação social? Percebem que nossos corpos carregam história? Entendem cultura como produção de significado e as possibilidades de criação artística como formas de expressão?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.14 Sequência Didática – Plano de Aula 14

Duração

2 horas

Objetivo

Conduzir uma compreensão sobre a relação entre experiências pessoais e narrativas escolares/acadêmicas como potencialização do conhecimento (no caso, a elaboração de um exercício performativo através dos memoriais pessoais).

Metodologia

D. (05') Recordar a aula anterior. *No último encontro ensaiamos todo o exercício performativo por algumas vezes seguidas, hoje repetiremos a aula anterior para fixação do roteiro.*

E. (20') Ritual poético de alongamento e aquecimento. (Música: Isadora Canto – Se Essa Rua Fosse Minha, YouTube: www.encurtador.com.br/EJL16)

F. (65') Ensaio geral para a apresentação “Se essa rua fosse minha”. *Como podemos apresentar o nosso exercício de maneira interessante? Como podemos nos ajudar? Se alguém esquecer a sua parte como o grupo poderá resolver a situação de conflito? Como as potencialidades individuais podem contribuir na apresentação?*

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: Escrita narrativa dos estudantes, baseada na sequência de atividades que fizemos. *Descreva cada momento que experienciamos no encontro de hoje. Como você relaciona seu memorial com o resultado da criação do exercício performativo? Acredita que é possível realizar conexões entre experiências pessoais e a linguagem teatral (como a compreensão sobre performance através de memoriais pessoais)?*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Descreva a evolução de cada estudante dentro do processo, com uma análise simples de comportamento. A postura deles em sala mudou?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

9.15 Sequência Didática – Plano de Aula 15

Duração

2 horas

Objetivo

Promover uma consciência coletiva sobre a existência do outro através da voz de cada participante, como resultado de um projeto que trabalhou tensões estruturais preestabelecidas. Para intentar que estudantes de minorias se sentissem confortáveis ao redirecionar suas energias para a produção artística, por um ideal de democratização do conhecimento pela igualdade a partir da equidade.

Metodologia

(50') Culminância: Se Essa Rua Fosse Minha.

Avaliação

(30') Primeiro momento: os participantes receberão uma folha para diário de bordo, preencherão o cabeçalho, em grupo recordarão a sequência de atividades e anotarão individualmente. A escrita é feita para que se recordem do que aconteceu ao participar do próximo momento: redigir o percurso do dia.

Segundo momento: Escrita narrativa dos estudantes, baseada na sequência de atividades que fizemos. *Primeiro, te agradeço por pavimentar essa estrada de mosaicos de mãos dadas com todo o grupo! Sobre a apresentação, quais foram as sensações que você teve? Quais momentos te marcaram? Identifica alguma diferença sobre você? Quais? Percebe alguma diferença sobre sua consciência coletiva a partir da existência do outro? Sente-se mais sensível depois de ouvir cada colega do projeto? Explique, por favor. E o mais importante, você se sentiu acolhida(o) durante o processo? Deseja sugerir algo para a professora? O quê?*

Recolher as folhas para arquivo pessoal de diário de pesquisa.

- Diário de pesquisa:

Qual foi a sensação ao ver o trabalho pronto ser apresentado? Qual foi a reação da plateia?

Digitar/digitalizar/arquivar as fichas individuais, que posteriormente serão usadas na pesquisa de maneira anônima.

Carta à menina da Caliandra

Oi, pequena! Tudo bem? Sabe, preciso te dizer que você não está sozinha, não precisa sentir medo! Queria poder mudar sua história, fazer tudo diferente, eu sei que vai ser difícil, mas não acredite que a culpa é sua. Se apegue mais à vovó, costurem mais roupas para as suas bonecas, aprenda tricô, ajude com as colchas de retalhos, leia para ela, lhe dê aquele anel dourado com a pedra preta (ele vai voltar pra você!), aceite todos os colos que ela te oferecer, caminhem de mãos dadas na rua, um dia a cabecinha dela vai começar a lhe pregar peças, tire a “menina pendurada na cortina” assim como vai “colocar as cobras que estavam nos pés da cadeira na lixeira do banheiro e amarrar o saco para jogar fora”, não deixe que uma mulher tão inteligente e lúcida seja chamada de louca pelas pessoas que ama, diga que a ama, um dia você vai sentir muita falta dela e depois que descobrir algumas coisas vai ser tão triste não ter podido fazer mais! Mas você é forte, vai romper terras secas cheias de pedras e espinhos. E por mais solitária que aparente ser sua jornada você vai aprender a se defender, e vai tentar ressignificar sua dor para tentar ajudar outras meninas que podem ter passado o mesmo que você. Sua imagem preferida ainda vai ser do horizonte verde a perder de vista com os pontinhos vermelhos daquela flor rara e bonita, presta atenção nela está bem?! Vou dar o meu melhor para preparar tudo para você. Lembra do Quick, o seu urso bem grande?! Ele está aqui te esperando para você abraçar bem forte quando chegar, não precisa sentir medo, viu?! Se cuida, sonha bastante, vai dar tudo certo.

Com amor,

Alice.